

GM

M205.5

L694P8

V.36

1983

A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley
CONSELHO
DOS DOZE:

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell
COMITÊ DE
SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee

F. Enzo Busche
EXECUTIVO DO
"INTERNATIONAL
MAGAZINE":

M. Russel Ballard,
Editor;

Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gylling,
Desenhista.

EXECUTIVO DE
A LIAHONA:

José Maria Carleto,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;

Víctor Hugo da C. Pires,
Assinaturas;

Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

MAIO DE 1983

PBMA0573PO

S. PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 — Mensagem da Primeira Presidência: Viver Segundo os ensinamentos do Salvador, N. Eldon Tanner
- 7 — Perguntas & Respostas, Edward L. Soper
- 11 — O Cônjuge Compassivo, Terrance D. Olson
- 17 — Errol Bennett: Astro do Futebol Taitiano, Michael Otterson
- 28 — Horas Preciosas, Ardeth G. Kapp
- 34 — Fé No Senhor Jesus Cristo, Élder Gene R. Cook
- 46 — Uma Maçã por Dia, Richard M. Romney

SEÇÃO INFANTIL

- I Fé e Sementes, Carolyn Campbell
- IV A Coisa Mais Importante, F. Enzo Busche
- VII Elías e o Poder de Deus, I Reis 17

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Reorganizada a Estaca Fortaleza Brasil
- II Novo Diretor de Centro de Treinamento Missionário
- III Louvai ao Senhor... com Música
- V Fé Testemunho e Amor à Obra Vicária
- VI "Ceder para Vencer"
- VII Uma Casa Portuguesa
- VIII "Cremos na Obediência, Honra e Manutenção da Lei"
- VIII Deve Realmente Ser uma Boa Semente
- IX Colecionador Descobre Documento de Valor
- X Uma Vida Nova
- XI "... É Minha Vontade... que Trabalheis com a Vossa Força."
- XII Meu Primeiro Bebê
- XII Astronauta Mórmon

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 800,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência Cr\$ 80,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.

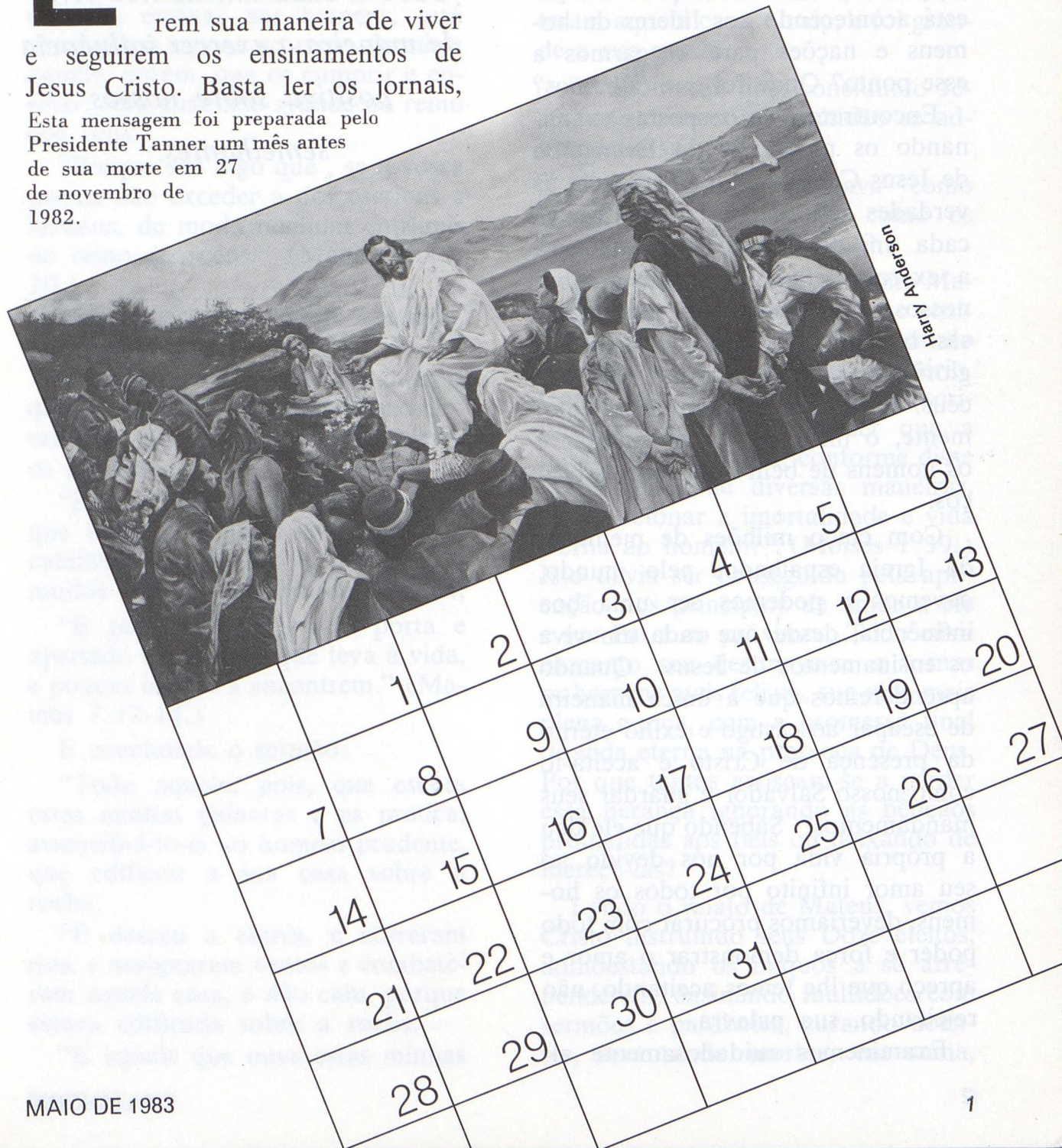
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Linoart Ltda. - Rua 13 de Maio, 71 - Fone: 256-1588 (PABX). Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manuel Carneiro da Silva, 241 - Fone 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações por apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

VIVER SEGUNDO OS ENSINAMENTOS DO SALVADOR

Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro conselheiro na Primeira Presidência

Em tempo algum houve maior necessidade de todos os homens modificarem sua maneira de viver e seguirem os ensinamentos de Jesus Cristo. Basta ler os jornais, Esta mensagem foi preparada pelo Presidente Tanner um mês antes de sua morte em 27 de novembro de 1982.

ouvir noticiários ou conversar com alguém para o indivíduo desapontar-se com as condições do mundo, de



seu país ou com os problemas pessoais de seu vizinho ou seus próprios.

“Aonde nos levará tudo isso?”, perguntamos desanimados. O que está acontecendo aos líderes de homens e nações para chegarmos a esse ponto? Onde foi que falhamos?

Encontramos as respostas examinando os princípios do Evangelho de Jesus Cristo e a desobediência às verdades nele encontradas. Cabe a cada um de nós viver de maneira a exercer influência positiva sobre nossos semelhantes que, vendo nossas boas obras, serão induzidos a glorificar nosso Pai que está nos céus. Conforme ouvimos frequentemente, o meio de o mal triunfar é os homens de bem cruzarem os braços.

Com cinco milhões de membros da Igreja espalhados pelo mundo, devemos e podemos ser uma boa influência, desde que cada um viva os ensinamentos de Jesus. Quando aprenderemos que a única maneira de escapar ao castigo e exílio eterno da presença de Cristo é aceitá-lo como nosso Salvador e guardar seus mandamentos? Sabendo que ele deu a própria vida por nós devido ao seu amor infinito por todos os homens, deveríamos procurar com todo poder e força demonstrar o amor e apreço que lhe temos aceitando, não rejeitando, sua palavra.

Examinemos cuidadosamente al-

Cabe a cada um de nós viver de maneira a exercer influência positiva sobre nossos semelhantes.

gumas de suas palavras durante seu ministério. No Sermão da Montanha diz ele:

“Qualquer, pois, que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar, será chamado grande no reino dos céus.

“Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” (Mateus 5:19-20.)

Mais adiante, no mesmo sermão, declara:

“Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela;

“E porque estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.” (Mateus 7:12-14.)

E concluindo o sermão:

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;

“E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

“E aquele que ouve estas minhas

palavras, e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

“E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.

“E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina;

“Porquanto os ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas.” (Mateus 7:24-29.)

É muito interessante ler como Mateus relata os acontecimentos e ensinamentos de Jesus Cristo, notando o objetivo único do seu ministério. Como pode alguém que lê as escrituras deixar de reconhecer que a missão de Cristo era, conforme disse tantas vezes de diversas maneiras, “proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem?” (Moisés 1:39.) Isto devia ser conseguido pela aplicação dos princípios de amor a ele e seu Pai e ao próximo. Todo ensinamento seu destinava-se a tornar os homens mais felizes, sua vida mais plena e rica, com a promessa final de vida eterna na presença de Deus. Por que tantos arriscam-se a perder essa herança ignorando as bênçãos prometidas aos fiéis ou deixando de merecê-las?

Lendo o relato de Mateus, vemos Cristo instruindo seus Doze eleitos, admoestando os iníquos a se arrependem, ensinando multidões com sermões e parábolas, curando doentes, levantando mortos, em suma,

fazendo sempre boas obras. Organizou a sua Igreja, advertiu quanto à apostasia, consumou a obra que lhe foi designada pelo Pai, foi crucificado, sepultado, ressuscitou — tudo conforme fora predito por ele mesmo e pelos profetas antigos.

Todas essas coisas aconteceram; e igualmente conforme predito pelos profetas, houve a restauração do Evangelho de Jesus Cristo com a mesma organização existente na Igreja primitiva. Tanto o Velho como o Novo Testamento proclamaram a restauração e o surgimento do Livro de Mórmon. Pouco após a organização de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o Profeta Joseph Smith elaborou um resumo do credo da Igreja, denominado Regras de Fé, que se harmoniza perfeitamente com os ensinamentos do Salvador durante sua vida entre os homens.

Na última Regra de Fé, a décima terceira, encontramos esta bela declaração:

“Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens; na realidade, podemos dizer que seguimos a adomesticação de Paulo — Cremos em todas as coisas e confiamos em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos.”

Esta declaração engloba todos os atributos da bondade que o Salvador

incorporou em sua vida e tanto lutou para ensinar aos outros. Fazemos nossas crianças memorizar as Regras de Fé; nossos missionários as têm impressas em seus cartões; recitamo-las regularmente para nossos amigos e pesquisadores por sentirmos orgulho de pertencer a uma organização com ideais tão sublimes.

Mas, até que ponto procuramos sincera e honestamente viver os princípios que pregamos? Todos nós precisamos reexaminar nossa vida e resolver guardar os mandamentos, ser um exemplo de retidão e uma influência positiva neste mundo conturbado. Não se pode ser quase honesto, parcialmente casto ou virtuoso, ou mais ou menos benevolente. Temos que ser totalmente dedicados. Precisamos mudar de atitude. Temos de apoiar-nos mutuamente em lugar de revidar, caluniar ou fofocar. Particularmente nas áreas da política local e nacional, precisamos escolher representantes bons e honestos que esposam a causa da retidão; e depois esquecer os partidarismos e trabalhar juntos pelo bem comum. Conforme dizemos, devemos buscar tudo que for virtuoso, amável ou louvável.

Atentemos para as palavras de Cristo endereçadas aos escribas e fariseus:

“Este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim.

“Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respostas para orientação e não como declarações de fé da Igreja.

Como membros da Igreja de Cristo, todos buscamos paz, uma vida melhor para nós e nossos filhos . . . , forças para . . . guardar seus mandamentos.

“E, chamando a si a multidão, disse-lhes: Ouvi e entendei:

“O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca isso é o que contamina o homem.” (Mateus 15:8-11.)

Mateus registra igualmente a pergunta do fariseu para tentar Jesus:

“Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

“E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

“Este é o primeiro e grande mandamento.

“E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

“Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.” (Mateus 22:36-40.)

Nos capítulos vinte e três e vinte e quatro de Mateus, lemos a respeito das tribulações e calamidades que precederão a segunda vinda de Cristo. Se conseguirmos captar o sentido de seus apelos e imenso amor por nós, devemos ansiar de todo o coração demonstrar-lhe, por nossa fé e obras, que apreciamos a agonia e sofrimento que suportou para que pudéssemos ser salvos de nossos pecados e ressuscitar da morte.

Percebeis sua grande compaixão quando diz:

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha

ajunta seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!

“Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta;

“Porque eu vos digo que desde agora me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor.” (Mateus 23:37-39.)

Como membro da Igreja de Cristo todos buscamos paz, uma vida melhor para nós e nossos filhos, segurança, forças para viver como ele quer que vivamos, e para guardar seus mandamentos. O que devemos fazer?

— “Tua tarefa é melhorar o mundo”,

Disse-me Deus e perguntei-lhe:

— “Como?”

Se seus problemas são demais profundos,

Se o mundo hoje é tão vasto e eu tão pequeno

E tão inútil sou. O que faria?”

Respondendo à pergunta feita a esmo

Disse-me Deus, com exemplar sabedoria:

— “Começa melhorando-te a ti mesmo.”

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Você poderia ressaltar estes pontos em sua mensagem de mestre familiar:

1. *Todo ensinamento de Jesus destinava-se a tornar os homens mais felizes, sua vida mais plena e rica, com a promessa final de vida eterna na presença de Deus.*
2. *Não podemos arriscar-nos a perder essa herança ignorando as bênçãos prometidas aos fiéis ou deixando de merecê-las.*
3. *Precisamos reexaminar nossa vida e resolver guardar os mandamentos. Não se pode ser quase honesto, parcialmente casto ou virtuoso ou mais ou menos benevolente. Temos que ser totalmente dedicados.*
4. *Devemos ansiar de todo o coração demonstrar ao Salvador, por nossa fé e obras, que apreciamos*

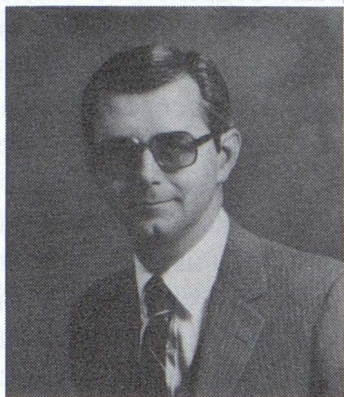
a agonia e sofrimento que suportou para que pudéssemos ser salvos de nossos pecados e ressuscitar da morte.

Auxílios para o debate:

1. *Fale de experiências pessoais ou do que sente a respeito da importância de se viver segundo os ensinamentos do Salvador. Peça aos membros da família que digam o que sentem.*
2. *A mensagem contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?*
3. *Seria preferível abordar o assunto depois de primeiro conversar a respeito com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem alguma mensagem para o chefe da casa concernente aos ensinamentos do Salvador?*

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas para orientação e não como declarações oficiais de normas da Igreja.



Edward L. Soper
Serviços de Bem Estar

P. Há tanto sofrimento no mundo de hoje. Por que a Igreja não lança uma campanha para acabar com a fome no mundo e aliviar o sofrimento dos necessitados?

R. Edward L. Soper, diretor de área dos serviços de Bem-Estar no Sudoeste dos Estados Unidos.

É confortante observar a preocupação pelos menos afortunados que esta pergunta reflete. Estou certo de que muitos leitores compartilham tal preocupação.

Respondendo sua pergunta, gostaria que entendesse que o melhor instrumento para aliviar o sofrimento é o próprio evangelho. A conversão ao evangelho acelera de tal forma a recuperação e o progresso dos que vivem seus preceitos, que acontecem verdadeiros milagres, temporais e espirituais, na vida das pessoas. Foi esta verdade que levou o Presidente Spencer W. Kimball a comentar em 1974:

“Lembro-me de ver, passando pelas ruas de Calcutá, Índia, grande número de pessoas famintas... Lembro-me de observar, do quinto andar de um grande hotel em Calcutá, essa gente em trapos, deitada nas calçadas de uma rua dos fundos... sem ter o que comer, para onde ir ou onde ficar... Vi começar a chover e essa gente recuar um pouco procurando abrigar-se. Vi o sofrimento do povo do Peru e certo dia um jornalista nos censurou por não cuidarmos de todos esses miseráveis. ‘Por que viajamos pelo mundo inteiro, fazemos tantas coisas e não cuidamos dessa gente?’, quis saber. Respondi-lhe: ‘É uma coisa que o senhor não entende. Se essa gente aceitasse o evangelho, poderiam ser assistidos e seus sofrimentos ser aliviados, pois o programa existe. Poderiam gozar de condições razoáveis em seu lar e vida.’”

“E isto é verdade, irmãos e irmãs. A meu ver, o evangelho é a resposta para todos os problemas do mundo, se formos suficientemente a fundo e nos unirmos para sua solução. E é por isso que nos empenhamos tanto na obra missionária, para conseguirmos levar paulatinamente o evangelho a toda essa gente. . . o evangelho de servir o pobre, cuidar dos menos afortunados que nós.” (Transcrição da Reunião de Serviços de Bem Estar, 5 de outubro de 1974, pp. 18-19.)

Na década de 1930, o Presidente Harold B. Lee, então presidente de estaca, foi encarregado pela Primeira Presidência de propor um programa capaz de resolver o problema levantado. Diz ele, a respeito dessa experiência:

“Busquei o Senhor. . . e veio-me algo. Meu primeiro pensamento foi: ‘De que espécie de organização precisaremos para isso?’ E pus-me a pensar em criar algo parecido com o que o mundo tem criado. Recebi então um dos mais fundamentais testemunhos do valor do sacerdócio desta Igreja. Foi como se o Senhor me dissesse: ‘. . . Não necessitais de outra organização. Dei-vos a maior organização existente na face da terra. Não há nada maior que a organização do sacerdócio. Basta que coloqueis o sacerdócio a funcionar. Isto é tudo.’” (Transcrição da Reunião de Bem Estar Agrícola, 3 de outubro de 1970, p. 20.)

Com isto em mente, convém saber que a Igreja e seus membros também

participam ativamente do esforço de prevenir e aliviar sofrimento. Embora a Igreja trabalhe harmoniosamente com organismos comunitários e particulares nesse sentido, nosso trabalho é executado através da organização do sacerdócio da Igreja.

Onde a Igreja está bem estabelecida, o sacerdócio administra Serviços de Bem Estar em larga escala. Muitos pobres, assim como milhares de pessoas que enfrentam dificuldades temporárias, são assistidas anualmente através dos armazéns do bispo, Indústrias Deseret, agências de emprego e Serviços Sociais SUD. Recursos e assistência adaptados às condições e necessidades de qualquer pessoa ao alcance da Igreja estão a disposição de todos que se mostrem dispostos a viver segundo os princípios sob os quais o auxílio é prestado.

Nas áreas da Igreja em expansão, bispos e presidentes de ramo têm acesso aos fundos de ofertas de jejum e esforço conjunto dos membros locais para ajudar a aliviar necessidades e sofrimento. Além disso, mais de duas mil e quinhentas pessoas e casais mais idosos já serviram como missionários de Bem Estar de tempo integral, nos últimos doze anos. Atualmente há mais de seiscentos nesse tipo de missão, espalhados pelo mundo, em vinte e seis países.

Em praticamente todas essas áreas, membros e missionários participam diretamente de campanhas, conforme você sugeriu. Esses missionários têm elaborado currículos sobre saúde e

alimentação para sistemas escolares; ajudando a melhorar a assistência médica; lançado campanhas de âmbito nacional pelos meios de comunicação contra doenças e má alimentação; realizado aulas práticas, oficinas, seminários, aulas e "exposições sobre saúde" para milhões de pessoas; incentivado o plantio de milhares de hortas domésticas; ensinado técnicas de armazenagem doméstica e boa nutrição e fortalecido a capacidade de líderes do sacerdócio e Sociedade de Socorro para prevenir e aliviar sofrimento.

A Igreja também costuma prestar socorro de emergência em casos de desastre. Citamos como exemplos, nos últimos anos, o socorro prestado nas enchentes da Califórnia e Idaho, furacões nos estados do sudeste e terremotos na Nicarágua, Peru, Guatemala e Argentina. Talvez lhe interesse saber que, além de fornecer mantimentos, abrigo temporário, roupas e ferramentas na Guatemala, a Igreja projetou e ajudou famílias a construir mais de quatrocentas novas casas à prova de terremotos. Na Argentina, também, foram construídas casas para muitos que haviam perdido a sua casa.

Estas e outras coisas estão sendo feitas por membros, em particular, e pela Igreja, para aliviar e prevenir fome e sofrimento pelo mundo afora, embora poucos desses fatos venham a público. Tenho notícia do estabelecimento de bibliotecas médicas em Samoa e Tonga; de uma clínica infantil num hospital do Chile; da

criação de uma grande fundação para financiar pesquisas que beneficiarão a saúde infantil no mundo inteiro; e consideráveis serviços médicos e educacionais em nações subdesenvolvidas prestados por voluntários.

Sem dúvida, há membros da Igreja que se provam merecedores da confiança externada pelo Presidente Kimball: "O que me preocupa não é que os membros da Igreja fiquem indiferentes diante de uma necessidade, mas sim que não tomemos conhecimento de tais necessidades." (Seminário de Representantes Regionais, 29 de setembro de 1978.)

Embora a Igreja e muitos de seus membros estejam participando do esforço para reduzir a fome e sofrimento, é importante que todos nos preocupemos com os necessitados. Mais pungente que a morte dos sofredores é a reação das pessoas que, vendo o empenho de outros, retornam à sua vidinha confortável porque "alguém" já está ajudando os pobres.

Todos temos oportunidade e obrigação de ajudar nesse esforço. Diz-nos um profeta de Deus: "E vós mesmos, também, socorrereis os que necessitarem de vossos socorros; repartireis vossos bens com aquele que deles necessitar e não permitireis que o mendigo vos peça em vão, afastando-o para que pereça." (Mosiah 4:16.)

A Igreja dá oportunidade e incentiva todos os membros a "se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer

muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem". (D&C 58:27.) "Pois àquele que muito for dado, muito se lhe exigirá." (D&C 82:3.)

Há muito que se pode fazer individualmente e como família para aliviar o sofrimento neste mundo, tanto em nossa própria terra como longe dela. Podemos ser bons mestres familiares e professoras visitantes; servir como missionários e cuidar de que nossos filhos sirvam também; prestar serviço de solidariedade; realizar projetos de serviço no Sacer-

dócio Aarônico e organização das Moças; trabalhar na fazenda de Bem Estar ou armazém do bispo; fazer donativos para as Indústrias Deseret; abrir nosso lar para crianças abandonadas; prestar serviço voluntário em organizações beneficentes; ajudar a organizar programas comunitários para os necessitados ou contribuir para programas assistenciais.

Na verdade, "Muita coisa no mundo há que fazer, muita coisa que melhorar! Abre teu coração e dedica atenção, àquele que precisar." (Hinos, n.º 44.)

MÃE

"Aquele que pinta uma obra-prima ou escreve um livro que influencia milhões de pessoas merece os aplausos e a admiração dos homens; mas aquela que cria uma família saudável, educa filhos e filhas com todo seu empenho, almas imortais cuja influência ainda se fará sentir muitos anos depois de esmaecido o colorido dos quadros e destruídos livros e fama, merece a maior homenagem que os homens lhe possam prestar e as maiores bênçãos de Deus.

Em seu alto chamado e serviço à humanidade, de trazer espíritos eternos à mortalidade, ela se torna co-participante do próprio Criador."

(David O. McKay, Treasures of Life, comp. Claire Middlemiss, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1965, p. 49.)

O Cônjuge Compassivo

Terrance D. Olson



E stávamos de partida para as montanhas do norte do Novo México, e eu acomodava justamente as crianças e últimas bagagens no carro, quando minha mulher apareceu na porta comunicando animada: “Muito bem, tudo pronto! “No momento em que puxou a porta, percebi que estava sem minhas chaves! Gritei: “NÃO FECHÉ...” Tarde demais.

No momento fiquei irritado e disse-lhe, dando a entender que ela era culpada: “Minhas *chaves* estão lá *dentro!*”

Felizmente, uma janela mal fechada permitiu-nos entrar na casa sem muita perda de tempo e me acalmei. “Perdoei” o choque emocional que minha mulher me causara.

Mais tarde, pensando no incidente, percebi que achara conveniente culpar minha esposa como saída para justificar *minha própria* falha. Dando vazão a sentimentos hostis, dava a impressão de que *ela* era a culpada e eu a pobre vítima.

Na verdade, minha irritação não era decorrente de sua conduta, mas sim produto de minha relutância em

“Estou convicto de que o evangelho de Jesus Cristo é a solução — muito prática, por sinal — para os problemas matrimoniais.”

aceitar responsabilidade pelos meus atos. Obviamente, ela não precisava do meu perdão — mas eu do dela.

A questão era minha necessidade de arrependê-me da minha atitude. Tivesse ela cometido alguma falta, a solução seria ela arrependê-se e eu perdoar. Neste caso, entretanto, bastava o meu arrependimento para restabelecer nossa unicidade. Compreendi, também, que haveria necessidade de eu arrependê-me, livrar-me dos laivos de ressentimento, fosse ela culpada de algo ou não. Percebi que não podia ser compassivo sem arrependê-me (ou perdoar). São duas atitudes incompatíveis.

Esse incidente bastante trivial ilustra algumas verdades importantes a respeito do perdão, caridade e compaixão. Aprendi que essas atitudes cristãs são a base para resolver os eventuais problemas num casamento, grandes e pequenos. Elas conseguem levar à unicidade, até mesmo nos casos mais difíceis.

Como terapeuta matrimonial e familiar, vez por outra encontro pessoas que consideram seus problemas matrimoniais excessivamente graves para terem solução. Uma delas era a Irmã Fagundes (nome fictício). Confidenciou-me sua sensação de impotência dentro de um casamento sem amor. Quando solicitei que imaginasse seu casamento dali a um ano

e descrevesse como seria, sua expressão passou do desânimo ao desespero. Estava convencida de que seu casamento não tinha conserto. Até duvidava de ser capaz de vir a amar o marido; ele era distante, indiferente, interessado unicamente em seu próprio mundo. Raramente tinha tempo para ela — para *elas*. Não a maltratava fisicamente, simplesmente era distante.

Vi na sua situação estes aspectos: (1) Ela sentia-se impotente diante do que considerava uma situação insolúvel; (2) sofria emocionalmente com o isolamento do marido; (3) sentia-se vítima das circunstâncias, prisioneira e infeliz por causa da atitude do marido; (4) via o evangelho como um belo conjunto de ideais que não se adequavam ao seu caso. (Como se insistisse que o seu sofrimento era uma exceção à qual não se aplicavam os princípios do evangelho.)

Estou convicto de que o evangelho de Jesus Cristo é a solução — muito prática por sinal — para os problemas matrimoniais. Ainda que certos maridos e esposas considerem os conselhos das escrituras demasiado “abstratos” ou “idealistas”, observo continuamente como o evangelho tem solução para os problemas no casamento e é a fonte de felicidade pessoal e marital.

"Amando nosso cônjuge como a nós mesmos, amá-lo com mais compaixão é... estar... o caminho do evangelho"



Por isso, procurei explicar à Irmã Fagundes como três importantes princípios do evangelho — perdão, caridade, compaixão — poderiam ajudá-la, e a seu marido, a resolver suas dificuldades. Tentei fazê-la ver que, exatamente como eu “culpara” minha mulher de minha irritação quando esqueci as chaves, ela culpava o marido injustamente de “causar” sua infelicidade. Fosse minha mulher culpada ou não, eu a acusaria injustamente de causar minha reação. Ficar ressentido foi a minha maneira de recusar-me a ter compaixão dela. A Irmã Fagundes encontrava-se em situação semelhante: Fosse o marido culpado ou não, sua sensação de impotência era uma maneira de demonstrar sua incapacidade de ser compassiva com ele.

Bem, não digo que o marido dela era inocente, que o problema existia “apenas na cabeça dela”. Sugiro, sim, que sua maneira de ver a situação era parte do problema. Insistindo na sua impotência, produzia desesperança.

Suponhamos que o Irmão Fagundes fosse, de fato, tão distante e indiferente como ela dizia, que tudo que contava era verdade. Vivendo os princípios do evangelho, ela poderia fazer muita coisa para melhorar a situação. Embora não haja nenhuma garantia de uma reação positiva e mudança da parte do mari-

do, ainda assim ela se livraria dos grilhões da incapacidade e desespero, criando uma vida melhor para si própria, bem como, possivelmente, para seu marido.

Se as pessoas na situação da Irmã Fagundes se dessem conta de que *podem* fazer alguma coisa a respeito de seus problemas, estariam começando a solucioná-los. Lembro-me de haver tratado de um homem que, como a Irmã Fagundes, sentia-se incapaz; estava convencido de que nada que pudesse fazer resolveria seus problemas matrimoniais. Embora seus sentimentos fossem reais, *não* eram produto da sua situação, mas sim uma maneira de eximir-se de qualquer culpa. Eram a sua “prova” de que não podia fazer nada para remediar a situação, senão deixar-se derrotar por ela. Sentir-se assim era a sua maneira de vingar-se da sua mulher pelos “erros” dela.

O que ele poderia fazer? Poderia, como a Irmã Fagundes, substituir seus sentimentos negativos pelas atitudes cristãs do perdão, caridade e compaixão. Não poderia sentir-se simultaneamente incapaz e perdoador; só podia insistir na sua incapacidade ou voltar seu coração ao Senhor — e começar a solucionar o problema.

Nossos sentimentos hostis para com outra pessoa são mais funda-

O CÔNJUGE COMPASSIVO



mentais para nossos problemas do que a conduta dela. O que os outros nos fazem não nos torna inclementes ou implacáveis. Nós é que nos tornamos assim recusando-nos a perdoar. O caminho para a paz pessoal exige que nos arrependamos de nossos ressentimentos.

Consideremos Doutrina e Convênios 64:10: “Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens.”

Uma atitude de perdão para com nosso cônjuge é um importante começo. Tendo fé nos dois primeiros mandamentos, somos por eles abençoados. Amando o Senhor de todo o coração, passamos a enxergar nossa situação de maneira diferente. Amando nosso cônjuge como a nós mesmos, vêmo-lo com mais compaixão e nos livramos do desespero. Estaremos trilhando o caminho do evangelho, e não uma senda que o negue.

Percebendo que não somos impotentes ou indefesos, sentiremos o fardo emocional aliviado. Isto é fé — não a fé passiva que dorme numa estante ou se oculta num livro — mas fé ativa que *opera* no coração, mente e vida das pessoas. Uma dádiva do evangelho é a crença de que Deus não é estranho ao sofrimento nem indiferente às nossas dificuldades. Voltando-nos assim aos

fundamentos do evangelho, nos livramos do fardo da sensação de impotência em troca da fé. Embora continuemos com sentimentos, estes serão totalmente opostos ao desespero que sentíamos antes.

Dirão alguns: “Mas isto não muda o fato de que somos vítimas. Não são os atos do(a) nosso(a) companheiro(a) que nos impedem de sentir de modo diferente do que sentimos?”

O evangelho ensina que temos liberdade de ação, sem sermos compelidos, “e todas as coisas que (nos) são necessárias (nos) são dadas”. (2 Néfi 2:26-27.) Em outras palavras, independente das atitudes ou erros de nosso cônjuge, sua conduta não basta para nos impedir de viver como achamos que devemos.

Obviamente, não existe uma receita mágica. Imaginemos, porém, o que aconteceria se um marido, por exemplo, olhasse sua esposa com compaixão — se encarasse seus “erros” com caridade? Não veria o ponto de vista *dela*, a infelicidade *dela*? Não reconheceria no comportamento dela uma atitude auto-justificadora? Não ponderaria como os dois, juntos, poderiam superar suas dificuldades? Não veria o futuro com esperança? A resposta do evangelho é sim.

Com uma nova atitude assim, estamos “livres” para produzir um ca-

Errol Bennett,
"Amando nosso cônjuge como a nós mesmos, vemo-lo
com mais compaixão e . . . estaremos trilhando
o caminho do evangelho."

samento melhor. Em lugar de insistir em nossa situação insolúvel, veríamos uma oportunidade de ser persuasivos, gentis, mansos, bondosos — de oferecer “amor não fingido” ao outro. (II Coríntios 6:6.) Veríamos nosso cônjuge como o Senhor o vê. Teríamos uma nova visão de nós mesmos, nosso marido ou esposa, e do nosso casamento — uma visão nascida da vivência do evangelho. Passaríamos a ser compassivos em vez de acusadores, ressentidos, desesperados.

Essa mudança de coração é apenas o começo, não a solução imediata dos problemas. Mas vendo-nos um ao outro compassivamente, abrimos a porta para a solução de fato dos problemas. Visto que uma atitude de amor sincero, de compaixão e interesse produzem poder e influência, passaremos a exercer influência positiva em nosso casamento.

É possível, obviamente, que nosso cônjuge não mude e não tenhamos em nosso casamento a união desejada. Mas mesmo se assim for, ainda estaremos livres dos grilhões do ressentimento e desesperança, podendo levar uma vida proveitosa e gratificante. Não somos incapacitados, nem vítimas da situação.

Muitas vezes, entretanto, quando um dos cônjuges começa a viver compassivamente, desaparecem muitos “problemas” do outro. Quando

cultivamos mágoas ou alimentamos ressentimentos, os problemas que vemos em nosso cônjuge são às vezes criados por nós, para justificar nossa hostilidade. Quando nos arrependemos de nossa inclemência, desaparece o ressentimento e passamos a enxergar nosso cônjuge de maneira diferente. Então tornamo-nos a espécie de companheiro matrimonial que desejamos que nosso cônjuge seja e começaremos a ter uma influência benéfica em sua vida.

“Conhecemos a caridade (de Deus) nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos.

“Quem, pois tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão (ou marido, ou mulher, ou filho), necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele caridade de Deus?

“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade.” (I João 3:16-18.)

O evangelho é a solução para os problemas matrimoniais. Mudar nosso coração aceitando a Expição é um requisito prévio para qualquer mudança, inclusive no casamento ou família. Não podemos decidir o que os outros farão, mas dispomos do Evangelho de Cristo, que inclui perdão, caridade e compaixão. Por causa dele e de nosso livre arbítrio, podemos decidir o que faremos. E

“Mudar nosso coração aceitando a Expição é um requisito prévio para qualquer mudança, inclusive no casamento ou família.”



desde que colheremos o que semearmos, poderemos tanto semear hostilidade e ressentimento como lançar

sementes de compaixão como um convite à paz e harmonia em nosso lar.

CONVERSEMOS A RESPEITO

Depois de ler “O Cônjuge Compassivo”, você poderia ponderar pessoalmente algumas das questões a seguir ou então debatê-las com seu cônjuge.

1. *Como pode o evangelho ser a solução para determinadas dificuldades no meu casamento?*

2. *Posso ser classificado como um “coração de pedra” para com meu cônjuge? Como nosso casamento seria beneficiado se cada um de nós assumisse responsabilidade por suas ações?*

3. *O autor diz que nossos sentimentos essenciais são uma forma de evitar responsabilidade. Como se consegue eliminá-los?*

4. *Como seria um casamento “compassivo”? Se tivéssemos um coração quebrantado e contrito, como nos trataríamos mutuamente?*

Erroll Bennett, Astro do Futebol Taitiano

Michael Otterson

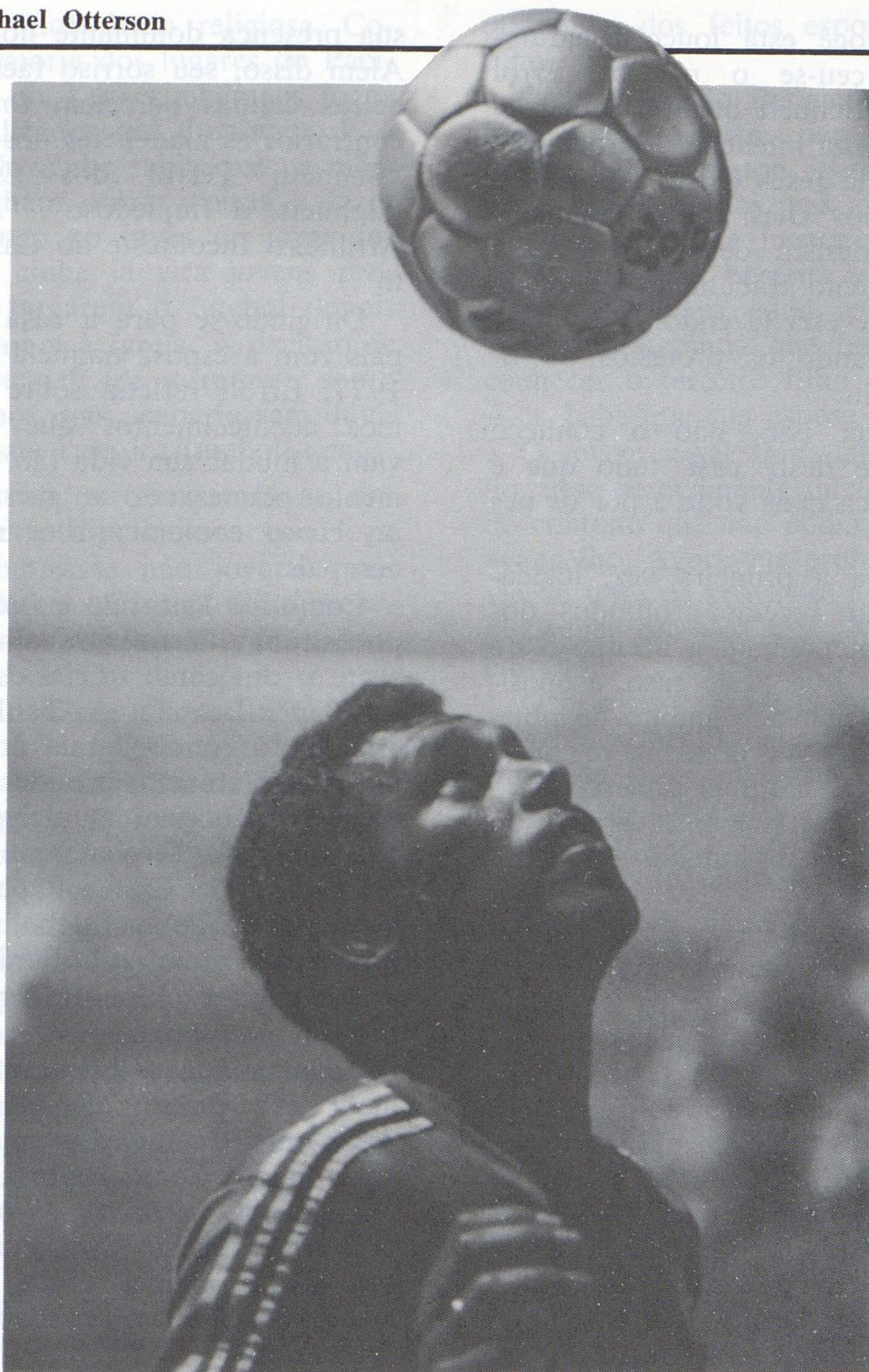


Foto de Michael Otterson

Sua Coragem Mudou as Regras

Michael Otterson

Você está louco?" enfureceu-se o pai de Erroll Bennett quando soube de sua intenção de filiar-se a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. "Ficou maluco? Terá de desistir de tudo, de *tudo* por que tanto trabalhou. Você não sabe o que está fazendo!"

Descartando os protestos do filho, insistiu:

"Se fizer isso, não o conheço mais. Tire desta casa tudo que é seu e nunca mais volte a pôr os pés nela."

Não era a primeira vez, logicamente, que receios profundos dos pais se antepunham à aceitação do evangelho. Mas neste caso, a oposição ultrapassava o âmbito da objeção a uma nova doutrina religiosa. Pois filiar-se à Igreja poderia significar o fim da brilhante carreira do melhor astro de futebol do Taití, Erroll Bennett.

Nas ilhas do Pacífico Sul, o futebol goza da mesma popularidade que desfruta na América do Sul e em certos países europeus. É sem dúvida o esporte de torcida mais numerosa e entusiasta do Taití. Seus admiradores praticamente vivem para o jogo e seus campeões tornam-se super heróis nacionais. Aos vinte e sete anos, Erroll conquistara o honroso lugar de capitão do principal time da Divisão de Honra do Taití. Seu nome era conhecido por todos e tudo indicava que seu reinado ainda iria longe. Seu corpo franzino, de um metro e setenta e cinco de altura, não dava idéia de

sua presença dominante no campo. Além disso, seu sorriso fácil e maneiras calmas pareciam totalmente contrários às manchetes dos jornais: "Bennett, Terror dos Estádios", "Bennett, o Impiedoso", "Bennett: Artilheiro Incontestado do Campeonato".

Dirigindo-se para a casa de seus pais com a esposa naquela noite de 1977, Erroll refletia sobre os últimos acontecimentos que começavam a mudar sua vida tão drasticamente, ponderando ao mesmo tempo como comunicaria a novidade aos pais.

Como no Taití não existe esporte profissional, Erroll trabalhava durante o dia como oficial da polícia em Papeiti, capital do Taití. Tomara contato com a Igreja através de um amigo, funcionário do departamento financeiro municipal. Esse amigo, Lysis Terooatea, era bispo da Ala III da Estaca Papeiti Taití, quando convidou o futebolista e sua esposa para uma noite familiar.

Os Bennett adoraram a reunião e ficaram profundamente tocados pelo filme a que assistiram: "O Homem em Busca da Felicidade." Após outros convites, o interesse se aprofundou. Como lembra o Irmão Bennett: "O bispo expôs os princípios do evangelho com muita clareza. Minha mulher e eu sentimos profundamente a necessidade de nos batizarmos."

A decisão, porém, caíra feito bomba no Clube Central, agremiação de Erroll, que encabeçava a Divisão de Honra — e nada tinha a

ver com intolerância religiosa. Como na maioria dos lugares do Pacífico Sul, no Taiti também os jogos eram realizados aos domingos. E o pessoal do clube sabia que os mórmons tinham outras coisas a fazer no domingo ao invés de jogar futebol. O clube já vira jovens promissores largarem o futebol depois de se filiarem à Igreja. A decisão de Erroll Bennett de tornar-se santo dos últimos dias acabaria sem dúvida com sua carreira futebolística.

E estavam certos quanto ao domingo. Erroll já avisara que logo que se batizasse não jogaria mais aos domingos. A Igreja tinha precedência — até mesmo sobre seu adorado futebol. Em desespero, o presidente do Clube Central e da liga de futebol, Napoléon Spitz — figura imensamente poderosa e influente no esporte taitiano — telefonou ao presidente da Estaca Papeiti, Victor D. Cave, agora representante regional, perguntando se não haveria possibilidade de uma dispensa especial para Erroll poder jogar aos domingos. Afinal, não se tratava apenas do jogo de futebol, mas do orgulho nacional.

A resposta do presidente foi cortês, porém direta. “O senhor deve falar com Erroll. É dele a decisão de batizar-se. Ele lhe dirá como se sente a respeito.”

Todavia, nenhuma dessas pressões fora tão difícil de enfrentar como a perspectiva de falar com o próprio pai, a quem amava e respeitava profundamente, e que tanto se

orgulhava dos feitos esportivos do filho.

Ouvir o Irmão Bennett reviver a cena, hoje, basta para mostrar quanto ela o afetou. Sempre fora muito achegado aos pais, mas agora o pai mostrava-se inexorável. “Você ergueu uma barreira entre nós. Não quero mais nada com você.” Acrescentou ainda que nem queria conhecer o terceiro filho de Erroll — o bebê que sua esposa esperava.

O jovem casal saiu dali chorando, desesperadamente infeliz, sabendo contudo que não podia rejeitar o evangelho. Agora sua profunda convicção teria de provar-se à altura de quaisquer pressões que tivessem de enfrentar.

O primeiro ato de Erroll, embora não fosse membro ainda, foi aconselhar-se com seu amigo, o Bispo Terooatea. Ele recorda com carinho como o bispo o ouviu atentamente e depois o instou a dar o primeiro passo para a reconciliação, deixando de lado a questão do batismo até essa tentativa final. Depois explicou-lhe o princípio das bênçãos do sacerdócio e como essa autoridade poderia ser usada em seu benefício.

Naquela noite, Erroll recebeu sua primeira bênção do sacerdócio, proferida pelo seu velho amigo SUD e aficionado do futebol, Noel Tarati. Este prometeu-lhe calmamente que o difícil problema seria resolvido e que o pai o receberia se voltasse, apesar das coisas pesadas que dissesera.

Erroll voltou à casa do pai, no dia seguinte. Ao aproximar-se, viu o

Sua Coragem Mudou as Regras

Miguel Gomes



Erroll Bennett e família com alguns de seus troféus.

pai de pé junto ao portão do jardim. Tinha os olhos marejados de lágrimas.

“Quero que me perdoe, Erroll. Não pude dormir pensando no assunto. Se você não tivesse vindo primeiro, eu o teria procurado.”

Depois prosseguiu: “Você bem sabe que desapontará milhares de pessoas. Não jogar aos domingos significará o fim da sua carreira. Napoléon Spitz não vai mudar todo o calendário futebolístico apenas para agradar você. Ainda assim, a decisão é sua. Só peço que não volte a tocar no assunto. Está encerrado.”

Embora hoje o relacionamento entre Erroll e o pai seja tão bom quanto antes, a pressão familiar de ambos os lados continuou até o dia do batismo. “Lembro-me de como me sentia naquele dia”, diz o Irmão Bennett. “Suportáramos muita pressão e sabíamos o que fazer. Ainda assim sentia necessidade de uma confirmação final, uma última indicação do Senhor de que tudo estava bem e que deveríamos prosseguir.

“Subi a vertente da montanha perto de casa, onde gostava de correr, para abrir meu coração ao Pai Celestial. Pedi-lhe uma confirmação, alguma mensagem, talvez, de que o passo que pretendia dar era certo. A caminho de casa, repeti minha prece.

“Ao aproximar-me de casa, vi um carro estacionado na frente. Pertencia a Gabriel Vaianui, um membro que estivera inativo uns dez anos e freqüentava a Igreja apenas de vez em quando. No mercado, Gabriel

ouvira alguém dizer que eu desistira de filiar-me à Igreja. Então viera procurar-me imediatamente para saber se era verdade.”

Erroll reconheceu no Irmão Vaianui o mensageiro esperado e perguntou-lhe de chofre:

— Gabriel, devo batizar-me hoje?

Ele respondeu, sem hesitação:

— Erroll, seja como for, você precisa batizar-se. Não volte as costas à Igreja.

Lembrando-se com gratidão do conselho de Gabriel Vaianui, diz o Irmão Bennett: “Era justamente do que precisava — o empurrãozinho para dar-me a necessária coragem.”

O batismo realizou-se como fora programado; depois, Erroll Bennett teve tempo para refletir. Ninguém do clube telefonou para cumprimentar ou criticá-lo, e ao findar a noite tranqüila ele havia tomado sua decisão. Não valia a pena sonhar com o impossível e nem treinar se não ia jogar aos domingos. No dia seguinte conversaria com Napoléon Spitz e deixaria seu lugar para outro jogador de futuro. A reação do Sr. Spitz foi inesperada. “Aguarde uns poucos dias”, respondeu. “Espere até depois da reunião dos dirigentes da liga, ainda nesta semana.”

Quando Erroll soube das novidades dias mais tarde, mal conseguiu acreditar. Napoléon Spitz comunicara aos líderes da liga que o Clube Central decidira não mais jogar aos domingos. Explicou que os jogos no domingo impediam o convívio familiar dos jogadores e que era um cos-

tume inaceitável. Fosse qual fosse a decisão dos demais clubes, o Central não jogaria aos domingos.

Submetida à votação, a decisão foi unânime. A partir daquela data, todas as partidas da Divisão de Honra seriam realizadas à noite, durante a semana.

Michael Ferrand, principal comentarista esportivo do diário taitiano *La Dépêche*, participou da reunião como delegado de outro clube e se recorda muito bem. Conta sorrindo: “Naturalmente todos conhecíamos a verdadeira razão da pretendida mudança. Napoléon Spitz dirigiu-se aos presentes como delegado do Clube Central, apresentando boas razões para concordarmos todos com a mudança — pressão sobre os jogadores e suas famílias etc. etc. — mas suponho que todos na sala sabiam que o motivo real era Erroll Bennett ter-se filiado à Igreja Mórmon.”

O Sr. Ferrand diz que os jogadores pareceram saatisfeitos com o novo sistema, embora a reação do público fosse pró e contra. “Não é fácil mudar uma antiga tradição. O povo vinha assistindo a partidas de futebol no domingo há muitos anos e agora, de repente, deviam fazê-lo durante a semana. Alguns dos colunistas esportivos ficaram um pouco descontentes, mas as críticas foram razoavelmente brandas. É preciso não esquecer que Erroll Bennett é extraordinariamente popular no Taiti. Nenhum comentarista esportivo iria criticar abertamente um herói nacional!”

Desde o batismo de Erroll Bennett em 1977, todos os doze principais clubes da Divisão de Honra vêm realizando suas partidas à noite, durante a semana. Tornou-se um hábito tão arraigado que dificilmente mudará mesmo quando Erroll se aposentar ou deixar de jogar. O Sr. Ferrand, que é igualmente secretário-executivo do Colégio La Mennais, a maior escola particular católica do Taiti, gostou da mudança.

“Pessoalmente, acho uma boa coisa”, diz ele. “E se contribuí para santificar o domingo, tanto melhor.”

Ninguém está dizendo que os aficionados do futebol agora enchem as igrejas em vez do campo. No entanto, além de acentuar a santidade do dia do Senhor, a modificação induzida pelo batismo de Bennett cinco anos atrás, tem sido benéfica para o próprio futebol do Taiti. Napoléon Spitz, que vem observando de perto as repercussões, responde sem hesitar.

“Não há dúvidas de que os jogadores preferem jogar durante a semana. Descobriram que gostam de ficar com a família no domingo. Parecem mais descansados, treinam melhor e jogam melhor. O público mostrou-se duvidoso a princípio, mas creio que agora eles gostam do tempo livre nos domingos para fazer o que lhes apraz com a família. Todos nós lucramos.”

A regra de não jogar aos domingos fez com que Erroll perdesse apenas duas partidas jogadas no Taiti — ambas em 1977. A primeira, no dia seguinte ao seu batismo — an-

tes da histórica reunião da liga. A segunda foi o jogo final da Copa Taiti — campeonato aberto a todos os cento e doze clubes do país. Napoléon Spitz alega simplesmente que era complicado demais mudar o final da copa para outro dia naquele primeiro ano. No ano seguinte, entretanto, e todos os anos subsequentes até hoje, a Copa Taiti não é jogada aos domingos — por causa de Erroll Bennett.

A posição de Erroll Bennett com respeito a princípios já seria bastante memorável se terminasse aqui. Todavia, sua convicção seria posta à prova seguidamente nos anos que se seguiram. E Napoléon Spitz continuou sendo um personagem destacado.

A Ilha de Taiti abriga a grande maioria dos cento e cinquenta mil habitantes que compõem a população dispersa da Polinésia Francesa — um território francês independente que elege seus próprios representantes para o parlamento francês. Visto ser um território e não nação independente, o Taiti não pode competir na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos. Entretanto, tem o direito de participar dos Jogos do Pacífico Sul, realizados de quatro em quatro anos.

Nesses jogos realizados em Suva, Fiji, em 1979, a posição inflexível de Erroll quanto à santidade do domingo teria fortes conseqüências.

Napoléon Spitz previu que nos entendimentos preliminares com os representantes de Fiji, meses antes dos jogos, a questão do domingo seria

um ponto problemático. E estava certo. A partida final de futebol fora programada para um domingo, e a questão continuava pendente quando a delegação do Taiti, chefiada por Napoléon Spitz, chegou a Suva. Na verdade, a questão do domingo não era novidade nesses jogos. Tonga e Samoa já haviam objetado em anos anteriores, igualmente por motivos religiosos, sem contudo conseguir forçar uma mudança. Em 1979, entretanto, as coisas seriam diferentes.

Napoléon Spitz estava devidamente preparado. Armado com uma semi-esquecida e negligenciada cláusula da Constituição dos Jogos do Pacífico Sul, argumentou que o regulamento de fato proibia jogos aos domingos e insistia que fosse respeitado.

“As partidas de futebol foram tiradas dos domingos”, conta ele. “Não havia como aceitar a ausência de Erroll, e como ele não jogaria aos domingos, essa era a única alternativa. Lembro-me de que concordaram em tirar também as partidas de basquete do domingo, por haver cinco jogadores mórmons na equipe do Taiti.” E seu rosto se abre num largo sorriso quando acrescenta: “Vocês mórmons criaram uma confusão e tanto nos esportes do Pacífico Sul!”

Após meses de negociações, chegou a data dos jogos de 1979. O time de futebol do Taiti, com seu capitão SUD, venceu a partida de quartas de final contra a equipe das Novas Hébridas (agora a nação in-

dependente de Vanuatu), depois de ser adiada do domingo para segunda-feira. A seguir venceu a partida semi-final contra a Nova Caledônia — e finalmente a vitória final sobre Fiji.

Seria fácil imaginar-se Erroll Bennett como pessoa voluntariosa e até mesmo convencida diante de tamanho empenho de outras pessoas para garantir sua permanência no futebol. Mas não é nada disso. Ele responde as perguntas calmamente, até com certa timidez. O sorriso de garotão esconde sua índole de pensador profundamente comprometido com as questões de princípio. Provavelmente foi essa sua qualidade que lhe trouxe a estima de fortes líderes comunitários como Napoléon Spitz e granjeou-lhe o respeito dos companheiros de equipe.

A seriedade de Erroll com respeito à santidade do dia do Senhor está fora de questão. Quando diz que prefere deixar de jogar uma partida importante do que chutar uma bola no dia do Senhor, pensa exatamente o que fala. É um fato demonstrado na prática em várias ocasiões em que perdeu jogos importantes contra times internacionais por causa de suas convicções religiosas. Tais jogos realizaram-se invariavelmente *fora* do Taiti, quando o país anfitrião tinha o direito de programar o calendário e não via vantagem em respeitar os desejos do time taitiano.

Uma dessas experiências mais notáveis deu-se em 1978, durante a disputada Copa da França — troféu cobiçado pelas equipes de toda a

França e seus territórios. Como a liga de futebol do Taiti é filiada à Federação Francesa de Futebol, os times taitianos participam dessa copa.

Por tradição, dois destacados clubes do Taiti competem com dois dos principais times do território francês da Nova Caledônia para ver qual deles representará o Pacífico Sul na Copa da França, competição anual entre os times profissionais franceses. As partidas eliminatórias são jogadas alternadamente no Taiti e Nova Caledônia.

Em 1978, o Clube Central qualificou-se para o jogo contra a Nova Caledônia, mas, como seria realizado fora do Taiti, a final foi programada para o domingo. Nem mesmo o dom de persuasão de Napoléon Spitz conseguiu a transferência da partida para outro dia. E assim, como acontecera no ano anterior em que conduziu sua equipe até as finais da Copa da França, Erroll ficou fora da partida. Enquanto seus companheiros passaram a manhã de domingo preparando-se para o importante jogo, Erroll foi à Igreja. Quando o apito deu início à disputa, o capitão do time encontrava-se só em seu quarto de hotel.

“Jamais me esquecerei daquele dia”, diz ele. “Quase no fim da partida tive a forte impressão de que as coisas não iam bem. Fiquei pensando se seria correto orar ao Senhor a respeito de um jogo de futebol, mas eu sabia que ele conhecia minha situação e que eu vinha tentando fazer o que era certo. Finalmente, ajoelhei-me e roguei ao Senhor que



***O radiante Erroll
Bennett após
importante vitória.***

ajudasse meus companheiros a darem o melhor de si.”

Mais tarde, no mesmo domingo, Erroll soube que sua equipe estava perdendo por um gol faltando um minuto de jogo, quando conseguiu empatar a partida em 2x2. Na prorrogação, o time taitiano fez o gol da vitória. Foi uma das mais memoráveis partidas da equipe.

Em 1980, o Clube Central voltou a ser convidado para jogar fora do Taiti, contra a Nova Caledônia pela Copa da França. Erroll não quis participar. “Era uma partida internacional”, explica, “e era patente que se chegássemos à final e esta fosse marcada para um domingo, ficaria mal eu não jogar. Sugerir que seria mais justo para todos eu ceder meu lugar a outro. O Sr. Spitz não me atendeu. Consegui convencer o outro time a jogar num sábado.” Erroll fez o gol da vitória no marcador de 4x3.

Como no Taiti não existe esporte profissional, seria fácil considerar os polinésios como insignificantes em termos de futebol internacional. Contudo, é justamente o oposto. Praticamente vinte e cinco por cento da população são sócios contribuintes de clubes desportivos. O Taiti encontra-se no topo da lista dos catorze países e territórios do Pacífico Sul que jogam futebol, em termos de perícia, tática e resistência. E Erroll Bennett, personificação do sucesso do futebol taitiano, viu sua influência estender-se bastante além de suas praias.

O Irmão Bennett gosta de lembrar

uma conversa que teve com um repórter durante os Jogos do Pacífico Sul de 1979. Intrigado com sua recusa de jogar no dia do Senhor, o jornalista pediu uma entrevista, durante a qual perguntou: “Quem é a pessoa viva, hoje, que você mais admira?”

“Ele ficou esperando a resposta”, lembra o Irmão Bennett. “Suponho que esperava que eu citasse algum esportista destacado. Eu, porém, disse-lhe que a pessoa que eu mais admirava era Spencer W. Kimball, um ancião de oitenta e três anos, presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disse mais, que gostaria de apertar sua mão algum dia. O restante da entrevista foi quase toda a respeito da Igreja!”

Erroll Bennett acabou apertando a mão do Presidente Kimball, a 13 de fevereiro de 1981, quando o profeta esteve no Taiti para dar início à construção do templo. O irmão Bennett foi designado para ajudar na segurança do Presidente Kimball.

Hoje, aos trinta e dois anos e pai de cinco filhos, o Irmão Bennett continua um astro do futebol. A estante da sala de estar de sua casa num subúrbio de Papeiti está ocupada por uma assombrosa coleção de troféus, pois vem sendo o melhor artilheiro do Taiti há dez anos consecutivos.

É intrigante observar-se a influência da coragem dele sobre a imagem da Igreja nas ilhas. E C. Jay Larson, presidente da missão, costuma usar o Irmão Bennett em reuniões da

Igreja a que comparecem pesquisadores. Jean Tefan, recém-desobrigado diretor de comunicações públicas para a região do Taiti, comenta: "Logicamente, nem todos concordam com a posição da Igreja a respeito da santidade do dia do Senhor. Mas acredito que seja justo dizer que nos respeitam por isso. Muitos admiram o fato de que ainda existem pessoas preparadas para defender um princípio. E hoje, inúmeros taitianos — não só os próprios jogadores de futebol como milhares de seus torcedores — convivem com a família aos domingos em lugar de assistir a um jogo, e tudo por causa do caráter de um santo dos últimos dias."

Resta, talvez, a questão mais importante. Por que um homem da posição de Napoléon Spitz faria tanto empenho para apoiar Erroll na questão do dia do Senhor, quando nem mesmo compartilhava de suas convicções religiosas? O que foi que esse poderoso presidente do Comitê Territorial de Esportes, esse presidente da Liga de Futebol da Polinésia Francesa e recém-eleito vice-presidente da Assembléia Legislativa viu em Erroll Bennett para admirá-lo tanto?

"Eu sabia que para Erroll tratava-se de profunda convicção religiosa, e respeitei-o por isso," diz o Sr. Spitz. Depois, reclinando-se na pol-

trona em seu gabinete na Assembléia, acrescenta com sinceridade:

"Erroll Bennett é mais que um simples astro do futebol. Em minha opinião é o maior futebolista taitiano de todos os tempos. Sua atitude e espírito como jogador, marcam-no como um grande homem. Se tinha essas qualidades antes de tornar-se mórmon, tem-nas agora em grau ainda mais elevado. Em toda sua carreira não foi advertido uma única vez por conduta imprópria."

Ninguém sabe por quanto tempo ainda Erroll jogará futebol. Pode estar em plena forma daqui a cinco anos. Mesmo assim, percebe-se que talvez não esteja tão distante uma desistência honrosa. Na divisão da Estaca Papeiti Taiti, em 20 de junho do ano passado, Lysis Terooatea, ex-bispo de Erroll, foi chamado a presidir a nova Estaca Pirae Taiti e chamou-o para integrar o sumo conselho. Como é de se esperar, as reuniões do sumo conselho têm precedência sobre os treinos. Por outro lado, Napoléon Spitz tem esperanças de que Erroll continue na ativa até depois dos Jogos do Pacífico Sul deste ano, a serem realizados em Apia, Samoa.

A respeito de sua vida nos últimos cinco anos agitados — das pressões que enfrentou, princípios que defendeu e vidas que tocou — Erroll Bennett diz simplesmente: "Fui realmente abençoado."

A falta de cuidado causa mais

prejuízo do que a falta de conhecimento.

HORAS PRECIOSAS

Ardeth G. Kapp



"Eviveram felizes para sempre" é como terminam quase todos os contos de fada. A Irmã Nedra Redd, de Calgary, Alberta, Canadá, lembra-nos que são apenas histórias de faz-de-conta. "Há muitos finais felizes em nossa vida", explica, mas esperar uma vida inteira isenta de dificuldades, pode causar muito desapontamento.

"Veja, é de se esperar alguns altos e baixos pelo caminho. Às vezes a vida nos morde e arranha; simplesmente não há como evitá-lo."

Ilustrando seu ponto de vista, fala dos gatinhos que criou com tanto carinho quando menina. "Chamei-os de Nicodemos e Rufus", contou rindo. "Gatos costumam morder e arranhar, como bem sabe. Mas são também carinhosos e gentis. Penso que se olhamos a vida como ela é e fazemos planos esperando tempos bons como também algumas 'mordidas' e arranhões — experiências realmente dolorosas — e aprendemos a pensar nas horas amargas como algo passageiro, a vida torna-se doce e não nos desapontará ou deixará amargurados."

A Irmã Redd, que passou por experiências bastante amargas na vida, medita por um momento. Depois, num tom de dócil aceitação e submissão, ela confessa: "Lembro-me de pensar, quando as coisas andavam realmente duras, que não era assim que devia ser. Mas é exatamente assim. Há horas em que somos postos a prova, como sabe. E durante a caminhada, de vez em quando nosso Pai nos céus dá-nos

horas de descanso, horas felizes que chamo de 'horas preciosas'."

Comunicando um pouco de sua filosofia, ela conjectura: "Exatamente como estabeleceu a semana de sete dias e tornou um deles muito especial, assim também temos dias duros e outros que não poderiam ser mais felizes."

Uma das "horas preciosas" da Irmã Redd foi quando nasceu seu primeiro filho. Mas logo começaram as provações e aflições desta vida. Passados três meses, mãe e filho foram acometidos de pólio. Grande era a ansiedade e muitas as orações. O Irmão Philip Redd, atualmente coordenador dos seminários e institutos no Canadá, estava-se preparando para iniciar sua carreira de professor efetivo do seminário. "Sentimos que nos havíamos esforçado para fazer o que é certo e estávamos fazendo o que o Senhor queria de nós. Tínhamos fé que nos abençoaria mesmo em nossas aflições."

Nosso Pai Celeste diz-nos que seu povo precisa ser posto a prova, mesmo como Abraão a quem ordenou sacrificar o próprio filho. (Ver D&C 101:4.) E assim foi provado esse casal fiel. Suas preces foram atendidas, mas não totalmente. A Irmã Redd recuperou-se do terrível mal sem seqüelas, mas seu precioso e único filho ficou com paralisia na perna, braços e costas. A alegria de uma hora feliz se desfizera rapidamente. Os arranhões e mordidas da vida tornaram-se penosa realidade. O casal foi obrigado a deixar o bebê num hospital infantil, distante mais de cento e sessenta quilômetros, pa-

“Aprendendo a pensar nas horas amargas como algo passageiro, a vida torna-se doce e não nos desapontará ou deixará amargurados.”

ra receber assistência especializada. Mesmo depois de um ano, ele continuava bastante fraco e progredindo muito lentamente.

Três longos anos e a ansiedade por seu filho apenas aumentava. A natureza divina de uma verdadeira mãe, com todas as emoções puras inerentes ao sagrado papel maternal, avolumava-se em seu coração dorido. “Desejava tão desesperadamente que ficasse curado”, sussurra. “Era duro não poder pôr meu garotinho na cama à noite. A vida dele era vital para nós.”

Certa noite, no auge da ansiedade, a jovem mãe levantou-se e foi para outro quarto conversar com o Pai Celestial. Lembrou-se de um incidente de sua própria infância. Uma nobre e grande mulher havia orado em favor de seu marido doente, pedindo que, se fosse da vontade do Senhor, lhe fosse permitido assumir os males do marido para que ele pudesse servir ao Senhor sem restrições. Essa irmã ficou, quase que imediatamente, completamente surda e assim continuou pelo resto da vida, enquanto que o marido, milagrosamente curado, tornou-se um gigante espiritual, um homem de Deus, poderoso líder na edificação do reino de Deus naquela área. Com tal lembrança no coração, essa mãe fiel suplicou ao Pai em favor do filho, pedindo permissão para assumir os males dele. Ela conclui: “Voltei para a cama e peguei no sono.”

Embora o filho continuasse no hospital, ainda assim havia algumas

“horas preciosas” e felizes. Um outro menino nasceu e depois uma menina. Com o passar do tempo, o menino doente foi ficando mais forte e aprendeu a andar com ajuda de aparelhos ortopédicos. Finalmente pôde deixar o hospital temporariamente, para passar o Natal em casa.

Embora houvesse amplos motivos para regozijo, as horas difíceis continuavam penosamente evidentes. Nos meses seguintes, a Irmã Redd foi-se dando conta de que perdia paulatinamente a sensibilidade nas mãos e pés. Quando trocava as fraldas do bebê, muitas vezes espetava o alfinete de segurança no dedo sem perceber. Vendo o sangue, sua preocupação aumentava, sentindo a assustadora paralisia tomar conta de seu corpo. Tinha muita dificuldade em cuidar do novo bebê e da pequena família. No decorrer dos meses e anos, houve lutas e bênçãos pelo caminho. O filho pôde largar os aparelhos e ir sozinho para a escola, bênçãos reconhecidas com humilde gratidão e profundamente sentidas. Sofrendo, porém, de fortes dores de cabeça e falta de sensibilidade nas mãos e pés, a jovem mãe de três crianças implorou ajuda. O apoio da família e amigos não lhe bastava. “As pessoas foram muito, muito boas para comigo”, recorda agradecida. “Mas ser fisicamente deficiente, incapaz de cuidar daqueles que se ama, é tão difícil!”

Nessa época, uma equipe de especialistas diagnosticou seu mal como esclerose múltipla, deixando-a dolorosamente incapacitada. Pensar

no futuro causava-lhe profunda ansiedade. “Isto foi anos atrás”, diz ela. A Irmã Redd, agora uma bela, ativa e saudável mulher, de expressão e testemunho vibrantes, irradia um espírito purificado pelo sofrimento.

Contou do dia em que ela e seu dedicado marido, buscando primeiro a vontade do Senhor em todas as coisas, aconselharam-se com um amigo que fora supervisor de seminários e era autoridade geral. “Disse-nos que não achava que o Senhor queria que eu desse minha vida. Deu-me uma bênção, explicando que o Senhor aceitara minha oferta em favor de meu filho. Prometeu-me que eu viveria. Mas não somos nós que determinamos a magnitude de nossas provas ou estipulamos a hora do alívio”, explicou. “Não recebemos um testemunho até termos provado nossa fé (ver Êter 12:6), e nosso Pai nos céus é quem o determina.”

Na exata hora em que esperamos alívio, o Senhor talvez esteja avaliando nossa perseverança e fidelidade. As condições da Irmã Redd pioraram após a bênção e no dia 25 de outubro ficou confinada ao leito. Tinha de ser alimentada “e nem mesmo conseguia escovar os dentes”, conta ela. “Meu bom marido e eu conversamos sobre o propósito da vida e morte, e oramos para que pudessemos aceitar a vontade do Senhor. Foi então que sentimos que tudo acabaria bem.” Sorvendo forças um do outro, esses jovens pais foram provados e encontrados dis-

postos “a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai”. (Mosiah 3:19.)

No dia 20 de dezembro, Nedra Redd foi transferida de avião para o hospital de Edmonton, Alberta, onde se submeteu a novos exames. Após dois longos e ansiosos dias, os médicos confirmaram a probabilidade de não tratar-se de esclerose múltipla, mas sim dos efeitos de um profundo e grave tumor na base do crânio, aparentemente inoperável. Por estar a paciente muito fraca, a cirurgia foi considerada um risco muito grande. Mas, explicaram os médicos, sem operação teria umas duas semanas de vida, apenas. O tumor estava prejudicando seriamente sua capacidade respiratória e em pouco tempo interromperia a passagem do ar. A situação parecia desesperadora. Um dos médicos sugeriu que se quisessem arriscar a operação, esperassem até depois do Natal. Mas a Irmã Redd, recorrendo à sua reserva de forças, bem reabastecida pela bênção recebida da autoridade geral amiga, tomou uma corajosa decisão. “A cirurgia foi marcada para a véspera do Natal”, diz ela. “Sentimos que nosso Pai estava começando a atender nossas preces. No domingo à noite, meu primo que era presidente da estaca, veio dar-me uma bênção. Contou-me mais tarde que ao me abençoar, sentiu literalmente a força fluir dele para mim.” O poder do sacerdócio fora novamente ativado em seu favor.

Terminada a operação, familiares

“É tão reconfortante saber que não existe nada que o Senhor não possa fazer ou não fará, se for para o nosso bem.”

e amigos passaram a noite inteira em ansiosa vigília. Rompeu a alvorada, a manhã do Natal. O tumor havia sido removido. Tudo era silêncio enquanto os minutos passavam naquele quarto de hospital. Sua vida estava por um fio. “Tive tempo para pensar ao recobrar a consciência”, explica a Irmã Redd. Foi no crepúsculo entre a vida e a morte que os dons da vida voltaram a esta

fiel mulher naquela manhã de Natal. Foram voltando um a um, com suficiente espaço entre eles para dar tempo de saboreá-los e desfrutá-los. Tantos dons, tantas jóias, jóias tão preciosas!

“Estou bem! Não morri na operação! Estou viva!” foi seu primeiro pensamento consciente. “Mas tudo estava escuro e não conseguia ouvir coisa alguma. Tentei falar, mas não consegui. Pensei, estou cega. Não consigo ouvir. Não consigo falar. Mas estou viva. Lembro-me de me sentir tão grata por estar viva e então perdi novamente os sentidos. Quando percebi mais tarde estar consciente de novo e que estava envolta como que numa massa cinzenta, pensei, não estou totalmente cega. Posso enxergar um pouco de luz. Lembro-me de haver orado e dito ao meu Pai: ‘Muito obrigada. Estou viva e não totalmente cega.’ Eu não conseguiria viver em treva total. Por isso voltei a agradecer. Então percebi que conseguia enxergar o rosto de Phil. Meu marido falava comigo, mas eu não o ouvia. Mas”, observou com intensidade, “eu podia vê-lo. E estava grata por ver seu rosto.

“Logo percebi que conseguia ouvir sua voz, então voltei a orar e agradecer pela visão e audição. Pensei, não consigo falar, mas basta poder ver e ouvir.”

Refletindo sobre sua profunda gratidão por esses preciosos dons naquela manhã de Natal, a Irmã Redd compartilha o êxtase do seu supremo tesouro. “O médico estava ali. Eu tentava falar. Ouvi-o pergun-

tar ao meu marido: ‘Ela consegue falar?’ Ele abanou a cabeça levemente. ‘Era o que eu temia’, comentou o médico. ‘Fomos obrigados a lesar boa porção das cordas vocais para chegar ao tumor. Temi que não mais pudesse falar.’”

Com um tom alegre na voz clara e cheia, a Irmã Redd recorda seus pensamentos naquele momento: “Então é isso. Não posso mais falar. Mas posso ouvir e ver. Senti tamanha alegria e gratidão! Então o médico colocou o dedo no orifício da traqueotomia e mandou: ‘Tente agora.’ Eu conseguia emitir sons! Eu não estava muda. Foi uma sensação tão gostosa. Sabíamos que o Senhor nos abençoara.

“Era a manhã do Natal. Phill passara a noite comigo quando mais precisei dele. Com a alma transbordante de gratidão e ação de graças, pedi-lhe que fosse para casa ficar com as crianças. Foi um Natal maravilhoso.”

Da profunda reserva de fé e coragem, acumulada nas horas de provação e sofrimento, o Irmão e a Irmã Redd se regozijam. “É uma sensação tão reconfortante saber que não existe nada que o Senhor não possa fazer ou não fará, se for para o nosso bem.” Eles descobriram que “o Senhor está nas coisas do dia a dia, não apenas nas gloriosas coisas eternas. É como comparar o ‘Coro do Aleluia’ de Händel com suave música de fundo. Ele está nas duas e sabê-lo nos dá uma percepção contínua das horas felizes em toda a vida.”

FILHO DO SENHOR JESUS

Disse alguém, muito tempo atrás, que na ocorrência de grandes eventos vemos três tipos de pessoas: primeiro, aquele que nem percebe que algo grande está acontecendo; segundo, aquele que percebe alguma coisa mas não sabe o que é; e, terceiro, a pessoa nos bastidores que faz tudo acontecer.

Como a pessoa faz algo acontecer? Como alguém pode sair-se bem como rapaz ou moça, pai ou mãe, ou líder na Igreja? Como podemos sobressair na escola, na vida? Sugiro que é fazendo as coisas à maneira do Senhor. Podemos fazer as coisas acontecer tendo fé no Senhor Jesus Cristo.

Alguns preocupam-se com o trabalho escolar, sentindo-se incapazes de sair-se tão bem como gostariam. A fé no Senhor pode indicar o caminho? Outros se preocupam com as oportunidades de emprego. Pode a fé no Senhor indicar o caminho? Outros ainda estão preocupados com o casamento. Será que me caso? Com quem e quando? Outros se preocupam com a família, doenças,

Pintura de Harry Anderson



E

NO

ESUS CRISTO

morte, problemas de personalidade e progresso pessoal. Mais uma vez, pode a fé no Senhor indicar o caminho?

Certas pessoas procuram responder essas difíceis perguntas por si próprias, esperando o melhor mas acabam errando. O Senhor bem que poderia dizer-lhes: “Por quanto tempo recalcitrarão contra os agulhões? Quanto tempo seguirão seu próprio caminho?”

Os santos dos últimos dias fiéis não de querer saber como usar a fé para que tudo reverta para o seu bem (ver D&C 90:24), para agirem e não serem coagidos (ver 2 Néfi 2:13, 14, 16, 26-27), e dominarem em retidão a si próprios, assim como outros e as situações. (Ver 3 Néfi 7:17-18.) Não de querer conhecer


a vontade específica do Senhor a respeito de si mesmos para depois disciplinar-se com fé e submeter-se a sua vontade.

O que é fé? Diz o Profeta Joseph Smith:

“Não fosse pelo princípio da fé, os mundos jamais teriam sido criados nem o homem formado do pó da terra. Ela é o princípio através do qual Jeová opera e por meio do qual exerce poder sobre todas as coisas temporais e eternas. Retirem esse princípio, ou atributo — pois ele é um atributo... da Deidade, e ela deixará de existir...”

“A fé, é o primeiro grande princípio regente que tem poder, domínio e autoridade sobre todas as coisas; por ele elas existem, por ele são sustentadas, por ele são modificadas ou permanecem, conforme a vontade

Deve realmente ser
duma boa semente,
ou uma boa palavra...
porque começa a dilatar a
minha alma e a iluminar



**o meu entendimento; sim,
começa a ser-me deliciosa.
E eis que isso não faria
aumentar a vossa fé?
(Almá 32:28,29.)**

de de Deus. Sem ele não existe poder e sem poder não poderia haver nenhuma criação nem existência.”

Lectures on Faith, nº 1, pp. 9-10.)

A definição mais simples de fé que conheço é “fé é poder”. Como se exerce fé para resolver os desafios da vida? Como se aprende a usar esse poder em proveito próprio e alheio? Gostaria de oferecer seis sugestões específicas:

1 ACREDITAR

Como amo estas simples porém sagradas palavras proferidas por Néfi:

“Eu, Néfi, sendo muito jovem . . . clamei ao Senhor; e eis que ele me visitou e enterneceu meu coração, de maneira que *acreditei em tudo o que meu pai havia dito*, não me revoltando contra ele, como haviam feito meus irmãos.” (1 Néfi 2:16; grifo nosso.)

Vocês acreditam? São capazes de exercer fé nas palavras de seus pais e líderes, apesar de pouca ou nenhuma evidência tangível? Lembrem-se de que descrer destrói a fé. Aprendemos isso com os descrentes Lamã e Lemuel:

“Lamã se enfureceu comigo e com meu pai; e assim também ficou Lemuel, *porquanto deu ouvidos às palavras de Lamã.*” (1 Néfi 3:28; grifo nosso.)

Certos homens estão confusos ou enganados, seguindo vozes estranhas como a de Lemuel. Acreditam em causas ou homens indignos, ou abraçam princípios ímpios. Mais tarde,

Néfi ensinou aos irmãos como se recebe comunicação de Deus:

“Ele vos falou numa voz mansa e delicada, porém havíeis perdido a sensibilidade de modo que não pudestes perceber suas palavras.” (1 Néfi 17:45.)

Quanta evidência vocês querem para serem capazes de exercer fé? São capazes de acreditar nas palavras inspiradas de outros ou somente em sua própria experiência? Não se pode basear a fé em provas físicas. É preciso exercer primeiro fé, depois seguir-se-ão os sinais. E receberão prova espiritual à medida que continuarem crendo.

2 COMPROMETER-SE

Comprometam-se e disciplinem-se totalmente. Para muitos homens é mais difícil comprometer-se sinceramente do que realmente cumprir o compromisso. Esses homens passam pela vida permitindo que esta decida por eles. Parecem sujeitos a todo vento de doutrina e vontade do mundo. Andam perdidos no mundo, tendo apenas uma vaga idéia do que gostariam que a vida lhes desse.

Outros decidem o que querem, comprometem-se a consegui-lo e exercem sua fé em retidão até que o conseguem. Têm as prioridades espirituais sempre presentes em sua mente e coração até que alcançam o que retamente desejaram. Mais uma vez, comove-me profundamente o sagrado compromisso e disciplina de Néfi. Diz ele:

“Assim como vive o Senhor e vi-

vemos nós, não voltaremos a nosso pai no deserto até termos cumprido o que o Senhor nos ordenou.” (1 Néfi 3:15; grifo nosso.)

A fé no Senhor Jesus Cristo é um apoio total. O homem pode fazer as coisas acontecerem, disciplinando-se e fazendo tudo o que dele se requer. Mantenham sua palavra para com Deus e o homem. Comprometam-se sinceramente e verão o Senhor revelar-se em seu favor.

Gostaria de falar-lhes sobre um rapaz que conheci quando era presidente de missão. Era um missionário uruguaio cheio de fé. Quando cheguei, ele estava na missão há uns três ou quatro meses. Percebi que fosse onde fosse que servia, pessoas se batizavam. A princípio, pensei que fosse por causa do seu companheiro sênior e líder de distrito. e novo demais para isso — foi aí que me enganei. Ele sabia como fazer as coisas acontecerem.

Ele foi chamado como companheiro sênior e líder de distrito. Mande-o para uma cidade considerada dura, inacessível. Fazia quase um ano que os missionários não batizavam ninguém — nem uma só pessoa! Os membros andavam desanimados. Apenas uns dez ou doze deles freqüentavam o ramo. Eu não lhe contei nada — apenas o avisei da transferência. Passadas três semanas, ele e seu companheiro começaram a batizar. Serviu ali durante umas dez semanas. Todos do seu distrito começaram a batizar.

É uma bênção ter um missionário que consegue batizar, mas se ele consegue ensinar outros a fazê-lo,

sua liderança abençoará muitas vidas.

Esse missionário nunca fazia relatórios semanais longos. Escrevia apenas: “Caro Presidente, eu o amo. As coisas estão indo bem. Sinceramente”, ou então “Presidente, Deus está-nos abençoando grandemente. Eu amo meu trabalho. Seu irmão...”

Mais tarde, foi chamado como líder de zona, encarregado de supervisionar toda a área norte da missão onde havia algumas cidades bem difíceis. Tinha por desafio ensinar os missionários a fazerem o que ele fazia. Serviu ali por dois ou três meses, sendo responsável por numerosos batismos. Ele literalmente transformou o espírito da zona inteira, tanto dos membros como dos missionários. Juntos operaram um milagre espiritual.

Então enfrentei uma luta espiritual, certa inquietude a respeito dele. Senti-me induzido a mandá-lo para o Paraguai, onde na época as coisas não andavam bem. No país inteiro tínhamos uma média de apenas vinte a vinte e cinco batismos. Lutei comigo, pensando: *Ele realmente provou seu valor aqui, mas colocá-lo naquela situação talvez o fizesse desanimar como tantos outros. Seria duro manter a fé naquela área.* Fui obrigado a lutar com minha fé para convencer-me de que deveria mandá-lo para lá, mas acabei obedecendo à inspiração.

Enviei-lhe um telegrama transferindo-o para Assunção, no Paraguai, como líder de zona, com ordem de partir já no dia seguinte. Quando chegou a Montevideu, nem sequer

E, agora, é perfeito o vosso conhecimento? *Sim, o vosso conhecimento é perfeito nesta coisa e vossa fé permanece adormecida; e isso porque sabeis; porque não ignorais que a palavra dilatou vossos*



corações e germinou, de modo que vossas inteligências começam a iluminar-se e vossa mente começou a se expandir. (Alma 32:34.)

me procurou. Era modesto e se mostrava sempre um pouco embaraçado diante do “presidente”. Mas deixou-me uma carta, a primeira que recebia dele, na qual dizia: “Querido Presidente Cook, recebi hoje seu telegrama mandando-me para o Paraguai, e penso que deveria saber certas coisas: (1) Não se consegue batizar no Paraguai. Pelo menos uns dez ou quinze élderes me contaram suas experiências lá. (2) Os membros não estão ajudando em nada. (3) Lá existem graves problemas morais entre os não-membros. (4) Muitos casais vivem juntos sem serem casados. (5), (6), (7), (8) . . .” E foi por ali afora citando umas dez ou doze coisas das mais negativas que já ouvira em minha vida. Pensei comigo: *Essa não, deixou-se influenciar por pessoas descrentes.*

Mas ao terminar a lista, dizia: “Só queria que soubesse, Presidente, que não acredito em nada disso.” E falar-se de fé! Depois comprometia-se, após declarar sua fé, dizendo: “Quero que saiba, Presidente Cook, que no dia de Natal (a carta era do dia 1.º de dezembro) batizaremos vinte e cinco pessoas.”

Lendo aquilo, orei por ele e pensei: *Que Deus o abençoe, élder. Você tem uma fé imensa e o Senhor o susterá. Não conhece o país. Nunca esteve lá. Não sabe onde irá morar. Não conhece seu companheiro, os líderes, os membros. Não sabe coisa alguma, mas ainda assim acredita que batizará vinte e cinco pessoas em vinte e cinco dias.*

Pois bem, esse rapaz estava cheio de fé e era um verdadeiro exemplo

de grande líder latino. No dia 25 de dezembro, ele e seu companheiro batizaram dezoito pessoas. Não chegaram a vinte e cinco, mas dezoito era simplesmente o número de batismos normais num mês no país inteiro. Foi um grande privilégio poder participar, duas semanas mais tarde, de um serviço batismal de mais onze pessoas. Seu distrito batizou umas trinta naquele dia. Percebem como um único homem justo consegue modificar totalmente uma situação? Ele acreditou, comprometeu-se e o Senhor ajudou-o a fazê-lo.

Vocês, também, podem fazer as coisas trabalharem literalmente a seu favor na sua própria vida como na vida de outros, se tiverem plena fé no Senhor.

“Tudo é possível ao que crê.”
Marcos 9:23.)

Comprometam-se de antemão com o que desejam em justiça. O exercício justo da fé tornará o seu desejo em realidade.

3 FAZER A NOSSA PARTE

Façam todo o possível para cumprir a sua parte. Os homens vacilam e esperam que o Senhor faça mais do que lhe cabe. É evidente em todas as escrituras que se o homem não fizer tudo o que pode, o braço do Senhor não se manifestará em seu favor.

Depois que o homem realmente se sacrificou e fez tudo em seu poder, Deus virá e o salvará na hora da necessidade. Conforme ensina

Tiago: “Pelas obras a fé foi aperfeiçoada.” (Tiago 2:22.)

O homem deve não apenas fazer a vontade do Senhor mas procurar entender como lhe será requerido fazê-la. O sacrifício mais requerido pelo Senhor é o de nossos próprios pecados. Ele deseja que os sacrifiquemos a ele e obtenhamos o coração quebrantado e espírito contrito exigido de todos os homens.

Façam o possível para cumprir a sua parte.

4 ORAR

Orem como se tudo dependesse do Senhor. O Senhor deixará de honrar o sacrifício de seus servos se lho pedirem? Às vezes, os homens chegam a este ponto mas deixam de pedir ao Senhor o dom da fé ou poder no sacerdócio. Ensina o Senhor: “Pedi e recebereis; batei, e ser-vos-á aberto.” (D&C 4:7.)

A iniciativa cabe ao homem. “E eu (o Senhor) lhes disse, que lhes seria concedido de acordo com a fé em suas orações.” (D&C 10:47.)

Se o homem exerce grande fé em suas orações e jejua o necessário, seu Pai amante e onisciente lhe concederá o que deseja em retidão. Orem, crendo que serão satisfeitos seus justos desejos, e ser-lhes-ão concedidos no devido tempo do Senhor.

5 ESPERAR PROVAÇÃO DA FÉ

Preparem-se para constantes e intensas provações da sua fé. A tribulação é um refinador da fé. Diz o Senhor: “Pois após muita tribulação vêm as bênçãos.” (D&C 58:4.)

O Senhor jamais tentará o homem, mas pô-lo-á a prova. É de tribulações e problemas que é feita esta escola terrena. A vida segue contra a correnteza — montanha acima. Vez por outra sente-se o desejo de fugir da correnteza para descansar um pouco, mas é preciso prosseguir. Alguns homens encontram-se parados em platôs, e precisam retomar seu caminho. Não estão orando com o devido fervor nem recebendo as provações com o espírito certo.

Os desafios e dificuldades que muitos de nós superamos são os elementos que nos refinam e santificam. O Senhor os provará em todos os atributos que possuem e em todos os estágios da vida. Ele os provará seguidamente até convencer-se de que o servirão a qualquer custo.

Quão confortantes são as palavras de Morôni: “Quisera mostrar ao mundo que a fé são coisas que se esperam, mas não se vêem; portanto, não disputeis sobre as coisas que não virdes, porque não receberéis testemunho senão depois da prova de vossa fé. (Éter 12:6.)

6 AGUARDAR A AÇÃO DO SENHOR

Aguardem que o Senhor aja de acordo com sua santa vontade e com a fé que existe em vocês. Seu

braço se manifestará. Ele cuidará dos seus santos. Quer que as outras pessoas aprendam a ter fé com o exemplo de vocês.

Ele quer fazer as coisas acontecerem. Quer que se valham de seu braço onipotente e do poder que existe em vocês para fazerem as coisas à maneira dele. Deseja que não se envolvam excessivamente ou se deixem absorver pelas coisas mundanas, temporais, superficiais ou secundárias. Essas coisas precisam ser feitas, mas até mesmo elas devem ser encaradas espiritualmente.

Quando oram por algo que não está correndo como desejam, não devem perder a fé. Todas as preces são respondidas à própria maneira e tempo do Senhor; entretanto, sua maneira e tempo podem não concordar com o nosso. Às vezes, quando uma oração parece ficar sem resposta, é porque está sendo respondida de uma maneira que nos escapa. Quando enfrentamos tais provações, precisamos duplicar a nossa fé para não perdê-la.

Cuidem de receber tudo o que o Senhor lhes der com coração agradecido. Diz Alma: “Acredito que alguns de vós se humilhariam, fossem quais fossem as condições.” (Alma 32:25.)

O mesmo pode-se dizer dos que têm um coração agradecido: Acredito que alguns de vós teriam um coração grato, fossem quais fossem as condições.

Lembrem-se da resposta sincera de Jó depois de perder tudo que possuía: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.” (Jó 1:21.)

Sejam submissos, humildes, pacientes, e o Senhor lhes concederá aquilo que for melhor para vocês.

Gostaria agora de contar uma última experiência pessoal ilustrando estas seis sugestões.

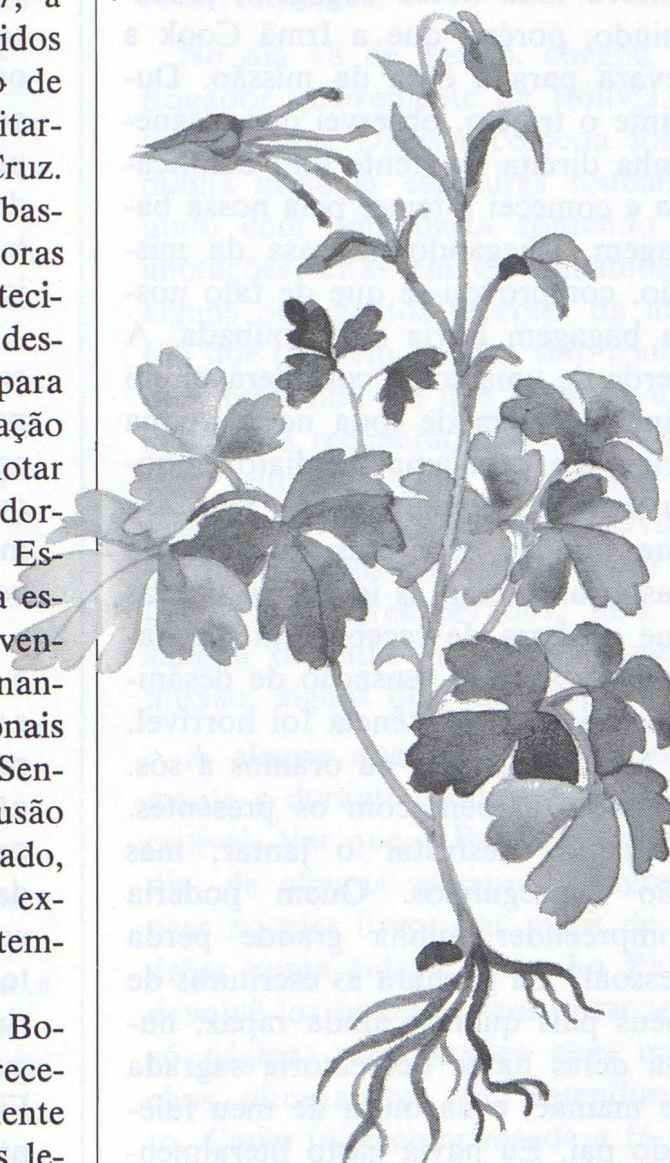
No dia 29 de julho de 1977, a Irmã Cook e eu ficamos retidos umas cinco horas no aeroporto de Cochabamba, Bolívia, após visitarmos a Missão Bolívia Santa Cruz. Lembro-me de que estávamos bastante cansados, após poucas horas de sono na noite anterior, e antecipamos com prazer as horas de descanso no avião. Quando estava para pegar no sono, tive a forte sensação de que deveria despertar e anotar algumas idéias. A vontade de dormir era forte, mas o influxo do Espírito teve mais poder. Pus-me a escrever; na verdade, fiquei escrevendo por umas três horas, solucionando certos problemas organizacionais com que vinha lutando há anos. Senti naquele dia uma generosa efusão do Espírito e anotei, entusiasmado, cada pensamento inspirado. A experiência tomou quase todo o tempo do atraso.

Então partimos para La Paz, Bolívia, onde fomos gentilmente recebidos no aeroporto pelo Presidente Chase Allred e esposa, que nos levaram de perua para o escritório da

Mas se cultivardes a palavra, sim, tratando da árvore á medida que começa a crescer, através de vossa fé, grande

missão. Trancamos o carro, deixando dentro dele nossa bagagem e minha pasta.

Ao entrarmos no escritório, o presidente teve de resolver o caso difícil de uma senhora cujo marido



esforço e paciência, esperando pelo fruto, ela criará raiz; e eis que será uma árvore que brotará para a vida eterna. (Alma 32:41.)

estava morrendo. Enquanto o Presidente Allred e eu cuidávamos dela, nossas esposas foram para a casa da missão.

Voltando com o presidente para a perua, percebi imediatamente que faltava toda nossa bagagem, presumindo, porém, que a Irmã Cook a levava para a casa da missão. Durante o trajeto, observei que a janela direita da frente fora danificada e comecei a temer pela nossa bagagem. Chegando na casa da missão, comprovou-se que de fato nossa bagagem havia sido roubada. A perda de uma soma considerável em dinheiro além de toda nossa roupa criou um problema imediato embora apenas temporário. O pior era que minhas escrituras estavam na pasta junto com as idéias inspiradas que acabara de receber em Cochabamba. A forte sensação de desânimo, raiva e impotência foi horrível.

Minha esposa e eu oramos a sós. Oramos também com os presentes. Tentamos desfrutar o jantar, mas não conseguimos. Quem poderia compreender minha grande perda pessoal? Eu ganhara as escrituras de meus pais quando ainda rapaz; numa delas havia dedicatória sagrada de mamãe, e na outra de meu falecido pai. Eu havia gasto literalmente milhares de horas marcando e fazendo remissão recíproca (adorando cada momento) no único bem terreno tangível de grande valor para mim. Em muitas ocasiões instruíra minha esposa que, em caso de incêndio, salvasse primeiro as crianças e depois, se houvesse tempo, minhas escrituras e não se importasse com o resto.

O presidente e eu tínhamos muito o que conversar desde que estaríamos juntos somente aquela noite. Entretanto, senti a forte impressão de que deveríamos fazer todo o possível para recuperar as escrituras. Terminado o jantar, todos os presentes se ajoelharam novamente em oração. Decidimos vasculhar a área adjacente ao escritório da missão e um campo próximo, na esperança de que ladrão ou ladrões tivessem levado apenas as coisas vendáveis, jogando fora os livros.

Na oração suplicamos que as escrituras fossem recuperadas, que as pessoas que as tiraram sentissem sua ação injusta e se arrependessem, e que a devolução dos livros fosse o meio de trazer alguém para a Igreja verdadeira.

Oito dos dez presentes tomaram a perua, levando lanternas de pilha e bem agasalhados, e dirigiram-se para o escritório da missão situado no centro da cidade. Vasculhamos os terrenos baldios do lado oposto da rua e nas ruas e avenidas adjacentes; conversamos com guardas e toda pessoa que encontramos, exaurindo todas as possibilidades. Ninguém vira ou ouvira coisa alguma. Finalmente voltamos para casa, deprimidos, sem condição de fazer nada além de orar individualmente e aguardar. O Presidente Allred e eu trabalhamos noite a dentro resolvendo nossos negócios. No dia seguinte, minha esposa e eu voamos de volta para Quito, Equador, onde vivíamos.

Nas semanas subseqüentes, os missionários voltaram a vasculhar os terrenos. Examinaram sebes e la-

tas de lixo, reviraram um parque próximo, colocaram um aviso no muro perto do qual os livros foram roubados, solicitando sua devolução, e ficaram de olho para o caso de aparecerem nalgum lugar inesperado da vizinhança. Por puro desespero, procurando fazer tudo que pudessem, colocaram um anúncio em dois jornais, dando informações detalhadas sobre os livros e oferecendo uma recompensa.

Em Quito, Equador, envolvi-me numa luta espiritual pessoal muito difícil para mim. Após quase três semanas, não voltara a estudar as escrituras. Eu tentara, mas toda vez que lia um versículo recordava apenas algumas das numerosas remissões recíprocas feitas em mais de vinte anos. Estava descoroçoado, deprimido, sem o mínimo desejo de ler. Orei muitas vezes dizendo ao Pai que jamais tentara usar minhas escrituras para outro fim que não a glorificação do seu nome e para ensinar a outros as verdades aprendidas dele. Implorei-lhe que fizesse qualquer coisa necessária para que fossem devolvidos. Minha esposa e filhos oravam incessantemente pela mesma bênção. Mesmo passadas duas ou três semanas continuavam orando todos os dias: "Pai Celestial, por favor devolva-nos as escrituras do papai."

Depois de umas três semanas, senti uma forte impressão espiritual: "Élder Cook, por quanto tempo ainda ficará sem ler as escrituras?" Pareceu-me uma prova, alguma coisa relacionada ao "preço" da bênção desejada. As palavras arderam em meu coração e decidi que devia ser

suficientemente submisso e humilde para começar tudo de novo. Com permissão de minha esposa para usar as escrituras dela, comecei a ler Gênesis, no Velho Testamento, voltando a marcar e a fazer remissões recíprocas.

No dia 18 de agosto, chegou ao Equador, proveniente da Bolívia, o Irmão Ebbie Davis e colocou sobre minha mesa as escrituras roubadas junto com uma pasta contendo as anotações feitas em Cochabamba e alguns orçamentos recentes da missão que também haviam sido roubados. Informou-me que eram as únicas coisas recuperadas e haviam-lhe sido entregues pelo presidente da missão em La Paz ao tomar o avião. O irmão Davis não sabia como os livros foram recuperados, mas eu saberia de tudo quando visitasse a missão, alguns dias mais tarde.

A alegria que senti naquele momento e durante o dia todo é indescritível. Ver que o Pai Celestial podia, de alguma maneira milagrosa, tirar aqueles livros das mãos de ladrões numa cidade como La Paz e devolvê-los intactos, sem faltar uma só página, sem rasgões nem manchas, ultrapassava meu entendimento. Como foi recompensada a fé demonstrada por minha família e por muitos missionários bolivianos! Naquele dia prometi ao meu Pai que faria melhor uso de minhas escrituras e do meu tempo como instrumento nas mãos dele para ensinar o evangelho.

No domingo, 21 de agosto, voei para Guaiquil, Equador, e de lá para La Paz, Bolívia, onde cheguei

no dia seguinte. Então recebi estas informações:

Numa das centenas de feiras de La Paz, uma senhora viu um bêbado gesticulando com um livro preto. Sentindo forte impressão espiritual de que algo sagrado estava sendo profanado, abordou o homem perguntando que livro era aquele. Ele não sabia, mas mostrou-lho. Ela perguntou se tinha mais algum. Então ele tirou outro livro preto. Insistindo se tinha mais alguma coisa, ele tirou uma pasta cheia de papéis que pretendia queimar, conforme disse. Então ela propôs-se a comprar aquelas coisas, pelo preço de cinquenta pesos, correspondentes a mais ou menos dois dólares e meio, com o que ele concordou.

Terminada a transação, ela sentiu-se estupefacta com o que fizera. Percebeu que os livros e papéis estavam escritos em inglês — idioma que não falava, não lia nem entendia — e não tinha desejo algum de ter livros em inglês. Era como se um de nós pagasse quase a décima parte de seu salário mensal para comprar livros que não pudesse ler. Imediatamente pôs-se a procurar a igreja cujo nome constava da capa dos livros. Depois de diversas tentativas fracassadas, finalmente chegou ao escritório da missão em La Paz, conduzida pela mão do Senhor. Não sabia da recompensa nem dos anúncios, que deveriam ser publicados naquele mesmo dia. Não reclamou nenhum dinheiro, nem mesmo os cinquenta pesos que gastara. Os élderes receberam os livros com grande alegria e entregaram-lhe a recompensa.

Ela contou aos missionários que pertencia a uma seita pentecostal, mas prestou muita atenção quando lhe expuseram o evangelho. Lembrou-se de haver lido qualquer coisa a respeito de Joseph Smith num folheto apanhado na rua uns dois ou três anos antes. Após a primeira conversa com ela, eles informaram: “É um contato de ouro.” Após a segunda palestra, ela aceitou o batismo. Duas semanas mais tarde, no dia 11 de setembro de 1977, um domingo à tarde, eram batizados no Ramo I de La Paz a Irmã Maria Cloefe Cardenas Terrazas e seu filho de doze anos, Marco Fernando Miranda Cardenas, pelo Élder Douglas Reeder.

Quem poderia descrever meus profundos, deprimentes e arrasadores sentimentos de impotência quando perdi as escrituras? Quem pode-

E por causa
de vosso
esmero,
vossa fé e paciência
em cultivar a palavra,
para que tenha raiz
em vós, eis que pouco
a pouco colhereis
de seu fruto, o qual é
sumamente precioso...
(Alma 32:42.)

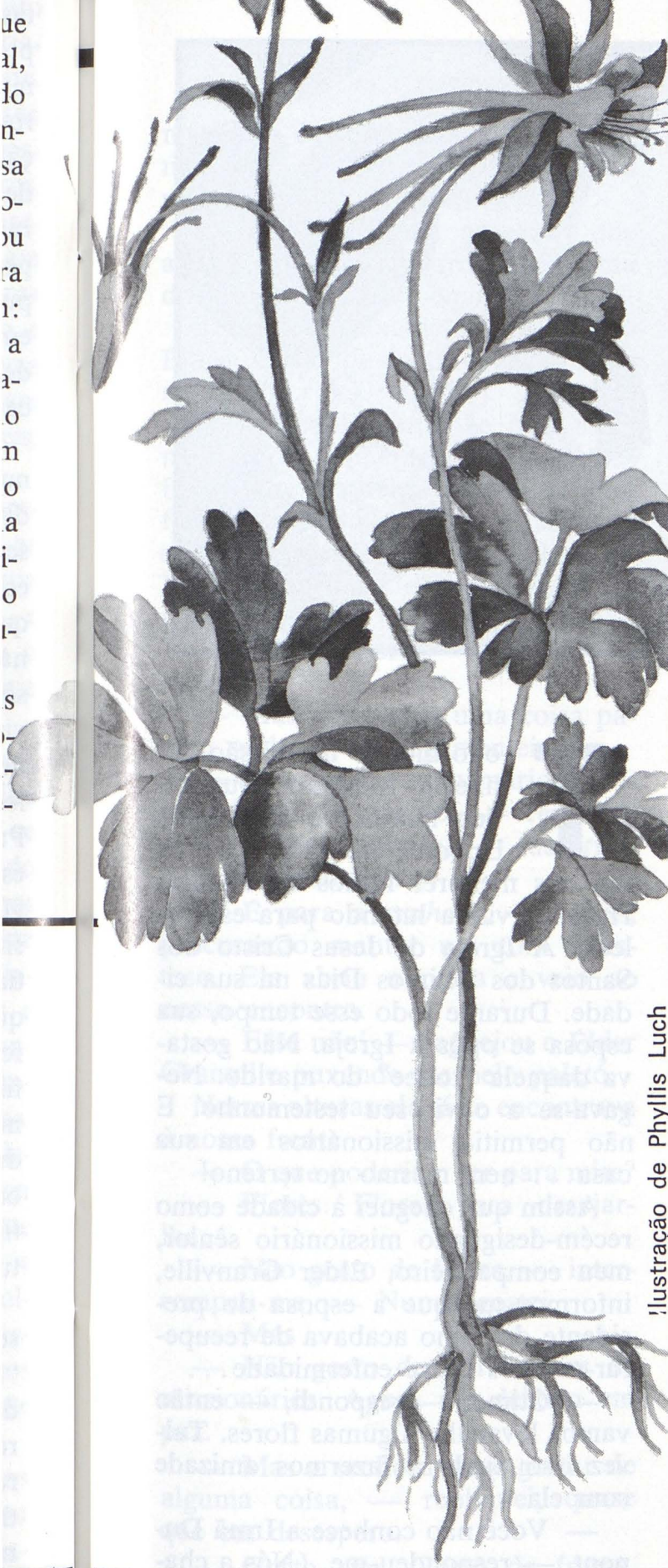


Ilustração de Phyllis Luch

ria descrever minha imensa alegria e regozijo quando vi os poderes do céu manifestando-se tão milagrosamente? Nosso Pai Celestial de fato ouve e responde as preces de seus filhos e filhas se exercerem fé no Senhor Jesus Cristo. Disse o Senhor: “Porque em verdade vos digo que, qualquer que disser a este monte: ergue-te e lança-te ao mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito.

“Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o receberéis e tê-lo-eis.” (Marcos 11:24.)

Meus irmãos e irmãs, hoje é um dia de milagres. Nós cremos em milagres. Os santos dos últimos dias esperam milagres segundo sua fé. Como membros desta Igreja, vocês têm autoridade de participar ativamente no desenvolvimento do reino de Deus na terra dentro de suas respectivas responsabilidades. Orem com fervor. Procurem ativamente aprofundar a fé e, com este grande dom de Deus poderão fazer acontecer grandes coisas em sua vida e na vida de outros.

Que o Senhor os abençoe para que arquem firmemente com esta responsabilidade.

Lembrem-se de que a fé no Senhor Jesus Cristo é um apoio total. Marcará o Senhor o caminho de vocês na escola, no emprego, no futuro casamento, na família? Ele o fará, sim. O Senhor é cheio de misericórdia, perdão, paciência e longanimidade e está ansioso por derramar sobre vocês que são cheios de fé, seu tesouro de bênçãos.



UMA MAÇÃ POR DIA

Richard M. Romney

Todo mundo na missão conhecia Madame Dupont. Seu marido, o Presidente Dupont, era presidente de um dos menores ramos da França. Há anos vinha lutando para estabelecer A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na sua cidade. Durante todo esse tempo, sua esposa se opôs à Igreja. Não gostava daquela “tolice” do marido. Negava-se a ouvir seu testemunho. E não permitia missionários em sua casa... nem mesmo no terreno!

Assim que cheguei à cidade como recém-designado missionário sênior, meu companheiro, Élder Granville, informou-me que a esposa do presidente do ramo acabava de recuperar-se após breve enfermidade...

— Ótimo, — respondi, — então vamos levar-lhe algumas flores. Talvez isso ajude a fazermos amizade com ela.

— Você não conhece a Irmã Dupont, — respondeu-me. (Nós a cha-

mávamos de irmã embora não fosse membro.) — Provavelmente apenas rosnará.

Eu não conseguia acreditar que alguém recusasse flores após uma doença. Mas estava enganado.

Segurei o ramallete enquanto o Élder Granville batia timidamente no portão.

“Ela jamais ouvirá se não bater mais alto!” comentei, dando golpes fortes na madeira. Uma mulher franzina e grisalha, em seus sessenta e poucos anos, espiou-nos pela janela. Voltei a bater e a porta da casa se abriu.

— Vão embora! — mandou a senhora.

— Mas nós temos uma coisa para a senhora, — argumentei.

— Se é para o meu marido, deixem junto ao portão, — replicou.

— Vamos embora, — sussurrou o Élder Granville.

— É para a *senhora*, — repeti, procurando manter um tom amistoso. Ela abriu a porta e veio ao nosso encontro.

— Essa não! — gaguejou o Élder Granville puxando-me pelo paletó.

Nessas alturas ela já se encontrava à nossa frente.

— O que poderiam ter para mim?

— Flores. Flores para desejar-lhe...

— Não gosto de flores, — interrompeu-me, — Nunca gostei.

— Mas...

— Não gosto de flores, nem de missionários. Agora me deixem em paz.

— Mas a senhora deve gostar de alguma coisa, — repliquei, quase que em desespero.

— Gosto sim. Gosto de frutas.

Frutas fresquinhas. São difíceis de encontrar por aqui. Bem, obrigada pelas flores, mas de fato não as quero, — disse, dando-nos as costas para entrar na casa.

— *Au revoir*, — gritei atrás dela.

— *Ayez une bonne journée!*

Sabia não ser autêntico francês, mas queria desejar-lhe um bom dia.

— Irmão, você teve sorte, — suspirou meu companheiro quando nos afastamos. — Quando o Élder Stokely e eu ousamos cumprimentá-la outro dia, bateu-nos com a porta na cara.

Entregando-lhe o ramallete, respondi:

— Vamos trabalhar.

O dia seguinte era o dia de preparação e estávamos fazendo compras no mercado perto de casa. Foi então que vi o cesto de maçãs.

— Olhe, Élder Granville, tive uma idéia.

Peguei o cesto e fui-me dirigindo para a caixa. O Élder Granville deve ter tido visões de maçãs três vezes ao dia durante um mês.

— Não conseguiremos comer tantas maçãs, — objetou.

— Não são para nós. São para a Irmã Dupont.

A resposta o deixou mudo por um instante.

— Élder Romney, você é o sênior mais maluco que já tive.

— Sou apenas seu segundo companheiro sênior desde que está na missão.

— Ainda assim é o mais maluco.

Nessas alturas o caixa deveria estar imaginando por que dois americanos estariam discutindo por causa de um cesto de maçãs.

— *Nous prendrons toute la corbeillée*, — expliquei.

— Então querem o cesto inteiro, — repetiu o caixa (naturalmente em francês). *Trés bien, monsieur*. — Então, procurando mostrar-se gentil: — *Vous devez beaucoup aimer des pommes*. (Vocês devem gostar muito de maçãs.)

— Não são para nós, mas para uma amiga, — respondi.

— Para uma amiga. — O caixa procurava a todo custo ocultar seu assombro. — *Trés bien, monsieur*.

— O cesto inteiro! — reclamou o Élder Granville. — Quanto iogurte não dava para comprar com esse dinheiro! E pegou o resto das compras e saímos.

Comemos algumas das maçãs. Chegamos até mesmo a fazer sobremesa de maçã. Mas a maior parte foi para a *Soeur* (Irmã) Dupont. Nunca as entregamos pessoalmente. Todo dia deixávamos uma na caixa do correio com um bilheteinho. Às vezes escrevíamos simplesmente: "*Ayez un bonne journée*." Outras: "*Bon rétablissement!*" (Boas melhoras.) Um dia tentamos mesmo traduzir o ditado "Uma maçã por dia afasta o médico" para o francês. Estou certo que "*Une pomme tous les jours vous protégera contre les maladies*" não tinha a mesma graça, mas mesmo assim o desejo era sincero. Lá pelo fim do mês, quando as maçãs começaram a murchar, recortávamos uma maçã de papel como bilhete para deixar na caixa do correio.

Todo esse tempo, o Élder Granville continuou me chamando de maluco. E todo esse tempo não ouvimos uma palavra da Irmã Dupont.

Na Igreja, o Presidente Dupont continuava cordial como sempre, sem nunca mencionar as maçãs.

Um dia, estávamos justamente tomando um prato de sopa como almoço, quando bateram à porta. Fui atender e ao abrir a porta não podia acreditar no que vi, tampouco o Elder Granville. Lá estava a Irmã Dupont, com nosso último bilhete em forma de maçã nas mãos.

— O que querem dizer com todas essas maçãs? Quem acham que sou, Eva?

— Apenas queríamos que soubesse que nos importamos com a senhora, — defendi-me.

— Muito obrigada, — conseguiu dizer. Até mesmo tentou um sorriso. — Mas, por favor, chega de maçãs por algum tempo, — acrescentou, ajeitando o xale preto em torno da cabeça. Eu estava para convidá-la a entrar quando se virou para ir embora.

— A propósito, — disse quando chegou junto à escada, — meu marido me mandou convidá-los para jantar conosco no domingo.

— Jantar? — assombrou-se o Élder Granville às minhas costas. — Com a Irmã Dupont!?

Pensei que ele fosse desmaiar. Mas assim que a porta se fechou, pulamos gritando de alegria.

A Irmã Dupont era excelente cozinheira. A cozinha francesa é incomparável, principalmente a cozinha doméstica. Naquele primeiro jantar dominical comemos muito bem e lhe apresentamos nossos cumprimentos. Observamos também uma centelha de esperança no olhar do Irmão Dupont. Fazia muito, muito tempo que não recebia missionários em casa.

Era a primeira vez desde o seu batismo há dezessete anos. Voltamos a jantar lá no domingo seguinte, no outro e no outro. Pouco a pouco, fomos sabendo da história do casal.

O Irmão Dupont contou que antes de encontrar os missionários, sentia-se como que vagando por terras devastadas pela seca. Então, de repente, deu num lago de águas refrescantes. Por mais que se abeberasse no evangelho, não estancava a sede. No entusiasmo de submergir-se no seu recém-descoberto tesouro, não entendia que outros não quisessem provar da mesma mensagem. Essa falha de comunicação acabou afetando seu casamento. Sua esposa não conseguia entender a mudança no marido.

Durante o jantar, falou-nos dos anos de guerra, quando o marido ficou confinado ao leito. Ela era obrigada a arranjar alimento para os dois, mesmo durante os períodos de racionamento. Cuidara dele dia após dia. Mesmo após a guerra, exigira cuidados constantes por vários anos até voltar a andar. Depois gastou mais anos estudando e reabilitando-se enquanto ela sustentava a família. Assim que voltou a trabalhar, dois americanos puseram-se a falar de religião com ele. Então ele filiou-se à igreja deles —era o único membro na cidade e foi batizado no rio — passando a dedicar sua vida mais e mais à Igreja, não a ela. Ela sentiu-se roubada e depois embaraçada com a caçoada do povo por ser casada com um fanático.

O Irmão Dupont repetia constantemente que a Igreja era verdadeira, que tinha certeza disso e faria tudo ao seu alcance para convencer sua

mulher. “Mas,” dizia ele, “ela simplesmente não quer ouvir.”

— Vocês não percebem? — comentei certa noite após uma alteração entre eles. — O que querem realmente dizer é que se amam. Todos esses anos, Irmã Dupont, você vem pedindo ao seu marido que passe mais tempo com você. Isto é importante e certo. E Presidente Dupont, tudo o que deseja é compartilhar com sua esposa a coisa mais preciosa para você. Não é?

Ele fez que sim. Voltei-me para a Irmã Dupont.

— Não percebe que ele quer compartilhar o evangelho com a irmã porque a ama?

Ela não disse nada, mas dava para notar que refletia. Nós nos despedimos calmamente e fomos para casa. Naquela noite, a oração do Élder Granville foi direta e sincera.

“Por favor, Pai Celestial, ajuda os Dupont a se entenderem. São ambas pessoas boas.”

“Amém.” E senti-me tão bem que voltei a repeti-lo baixinho.

Nas duas semanas seguintes estivemos ocupados com palestras em outros lugares, e depois fomos assistir à conferência de distrito em Bordéus. Embora estivéssemos várias vezes com o Presidente Dupont tratando de negócios do ramo, passou-se quase um mês até recebermos novo convite. Foi o presidente quem o fez.

“É difícil de acreditar,” contou-nos. “Mas minha mulher está lendo livros da Igreja! E está fazendo perguntas, perguntas sinceras, honestas. Procuvo responder a elas, mas acabo insistindo demais. Ela realmente gostaria de conversar com vocês.”

Não tivéssemos outro compromisso, teríamos corrido para lá na mesma hora.

“*C'est incroyable!*” observou a Irmã Dupont quando estávamos todos sentados à mesa da cozinha. “É inacreditável. Ou então estúpido! Um garoto de catorze anos não pode conversar com Deus. E a Bíblia. Ela é completa. Por que então precisamos de mais escrituras do que já temos? E o sacerdócio. Meu marido nunca esteve numa escola de teologia. Como pode ter o sacerdócio?”

Boas perguntas, sem dúvida. Como respondê-las? Podia imaginar o Élder Granville pensando que parecia mais a antiga Irmã Dupont. Talvez a coisa tivesse sido boa demais para durar.

“Irmã Dupont,” a voz calma do Élder Granville interrompeu meus pensamentos, “nós podemos responder todas suas perguntas, mas não de uma só vez. Temos uma série de palestras que as respondem uma por uma. Estaria interessada em ouvi-las?”

Ela concordou. *Maravilhoso!* falei mentalmente. *Este meu júnior tem futuro!*

Não diria que a Irmã Dupont fosse exatamente uma pesquisadora de ouro. Mas tornou-se nossa amiga. Escutou atentamente a primeira palestra. Chegou mesmo a ajoelhar-se conosco quando o marido fez a oração. E convidou-nos para jantar no domingo seguinte. Estávamos terminando de comer purê de batatas à moda francesa, quando o Élder Granville pôs-se a contar-lhe uma história.

— Conhece a história do missionário que durante o jantar pediu

ao companheiro que lhe passasse a manteiga? A manteiga estava bem na frente dele, mas ele não conseguia vê-la por estar perto demais.

— Como assim?

— É simples. É como a irmã e o evangelho. Todos estes anos seu marido colocou o evangelho bem diante de seus olhos, mas não conseguia vê-lo por estar perto demais. A irmã fica perguntando onde está a manteiga, quando está bem à sua frente.

Talvez não fosse uma boa analogia, mas ainda assim uma tentativa. Chegando em casa naquela noite, o Élder Granville trouxe-me um Livro de Mórmon.

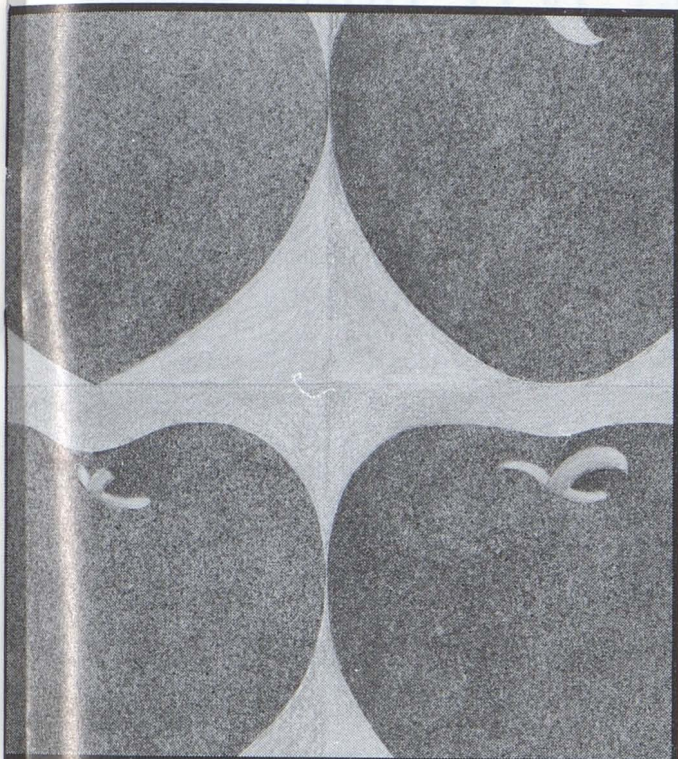
“Não quer assinar esta dedicatória comigo? É para a Irmã Dupont.” Li a dedicatória.

“*Voici le beurre*”, dizia. “Aqui está a manteiga.”

Nos dois meses seguintes, a Irmã Dupont leu o livro — pelo menos, mais da metade dele. E ouviu mais duas palestras, e orou e passou a conversar mais com o marido. E ele parecia cada vez mais feliz e contente. Foi então que recebi o aviso de transferência.

Estava indo para a Bretanha, onde terminaria minha missão. O Élder Granville conheceria seu terceiro companheiro sênior. Como a carta se atrasara devido a uma greve postal, eu teria de tomar o primeiro trem pela manhã.

“Não sei se estou preparado para partir, Élder Granville,” comentei. “Estamos indo tão bem aqui. O presidente voltou a estar feliz e entusiasmado, e os membros colaboram com ele. Conseguimos reativar um punhado de membros e alguns bons



“O que querem dizer com todas essas maçãs? Quem acham que sou, Eva?”

pesquisadores estão freqüentando a Igreja. A família Marcella está se preparando para o batismo. Suponho que devo deixar-lhe toda responsabilidade.”

Ouvimos bater à porta.

“Presidente Dupont!”, meu companheiro saudou o visitante. “Por favor, entre.”

O presidente encarou-me, dizendo:

“Soubemos da sua transferência. Sei que parte amanhã. Minha mulher quer despedir-se de você.”

Havia muito o que fazer, mas eu sabia que não podia deixar de visitar a esposa dele.

“É lógico que passaremos lá.”

A sala de estar estava escura, iluminada por uma única lâmpada nua, como em muitas casas francesas. O papel de parede, entretanto, apresentava uma alegre combinação de tons marrons, amarelos e castanhos. A Irmã Dupont sentara-se no sofá amarelo, uma bandeja de biscoitos e chocolate quente diante de si.

— Olá, élderes. Sentem-se. Que história é essa de transferência?

— É verdade. Parto amanhã de manhã.

— Quer dizer que teremos um novo missionário aqui?

— Isso mesmo. Élder Taylor. Ele é de Nova York.

— Suponho que vou ter de conhecê-lo, também.

Pude ver um sorriso no rosto do presidente.

— Espero que sim, — respondi.

— Você promete escrever?

— Lógicó, mantereí contato, — prometi. — Podem confiar.

— Se não se pode confiar nos

élderes, vamos confiar em quem? — ela rebateu.

Tive vontade de chorar.

De fato mantive contato com eles, particularmente depois de voltar para casa cinco meses mais tarde. Foi difícil, e o Presidente Dupont costumava escrever-me mais que eu a ele. Mas trocamos fotos (ainda tenho uma bela foto dos Dupont em férias na costa espanhola com seus netos), cartões de Natal e notícias da família. Qualquer remessa, até mesmo um cartão postal, merecia uma carta escrita a mão do Presidente Dupont. Informava-me sempre que tinha notícias de um dos outros élderes, particularmente do Élder Granville. E sempre incluía saudações da esposa, embora ela nunca me escrevesse pessoalmente. Outros missionários contaram-me que ela continuava amigável e apoiava o marido, sem jamais filiar-se à Igreja. Vez por outra eu lhe escrevia pessoalmente, prestando meu testemunho pelo correio.

Faz alguns anos agora, que estou de volta em casa, e esta semana recebi uma carta incomum da França. Estranhei o endereço e a caligrafia. Abri-a antes de chegar à minha mesa.

“Querido Élder Williams,” dizia, “muitas vezes tive vontade de escrever-lhe nesses anos todos, mas sempre achei que meu marido nos mantinha em contato. Agora meu marido se foi. Queria que soubesse para poder contar aos outros missionários. Ele amou muito todos eles. Diga-lhes que os membros da Igreja cuidaram do funeral dele.

“Lembro-me de muita coisa do que vocês dois me contaram a respeito da vida após-morte. Talvez



“Não diria que a Irmã Dupont fosse exatamente uma pesquisadora de ouro. Mas tornou-se nossa amiga.”

meu marido esteja esperando por mim, como vocês disseram. Eu nunca consegui entender tudo que tentaram explicar-me, tudo que ele queria compartilhar comigo, mas sei que ambos acreditavam ser verdade. Agora estou morando com minha filha e sua família. Por favor, escreva-me se tiver vontade.”

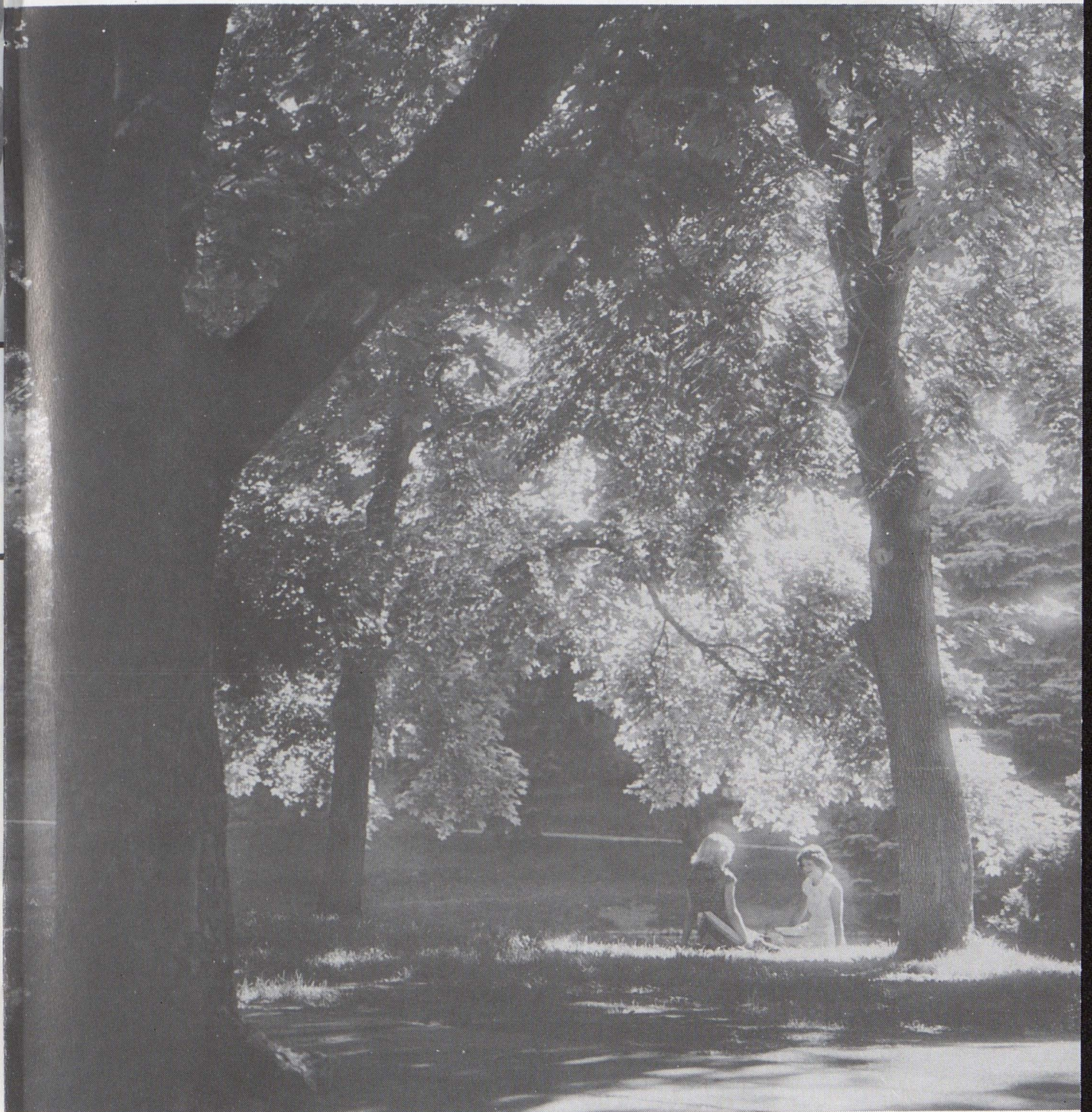
Você sabe que sim, Irmã Dupont. Você sabe que sim.

(Baseado num acontecimento verídico. Os nomes foram trocados.)

Mormonismo

A ETERNIDADE É MUITO TEMPO... POR ISSO, LEVE CONSIGO UM AMIGO.

Jeanie Carnahan



Compartilhe hoje a mensagem do evangelho.

Fotografado por Eldon K. Linschoten

“E aconteceu que... entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa; “E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra.

“Marta, porém, andava distraída em muitos serviços, e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só?

Dize-lhe pois que me ajude.

“E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.

“Mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada”.

LUCAS 10:38-40